

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JEAN ÉRIQUE PEREIRA DE DEUS



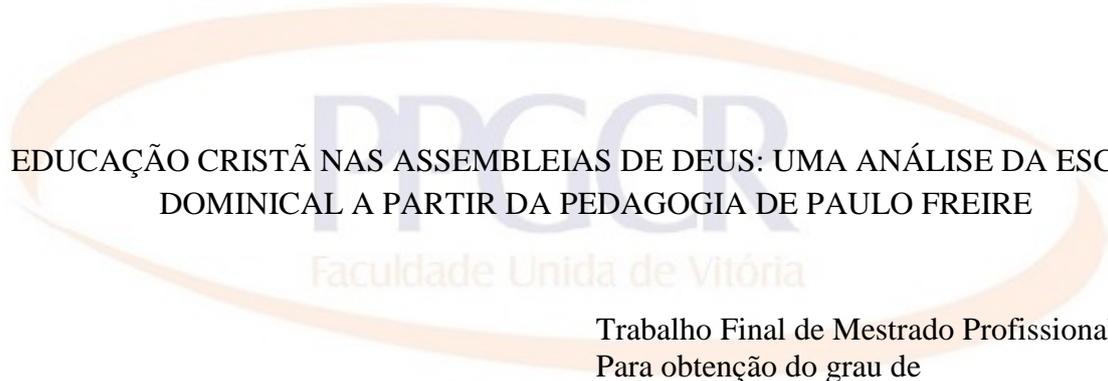
EDUCAÇÃO CRISTÃ NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: UMA ANÁLISE DA ESCOLA  
DOMINICAL A PARTIR DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 26/09/2018.

VITÓRIA  
2018

JEAN ÉRIQUE PEREIRA DE DEUS

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 26/09/2018.



EDUCAÇÃO CRISTÃ NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: UMA ANÁLISE DA ESCOLA  
DOMINICAL A PARTIR DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Valdir Stephanini

Vitória - ES  
2018

Deus, Jean Érique Pereira de

Educação cristã nas Assembleias de Deus / Uma análise da escola dominical a partir da pedagogia de Paulo Freire / Jean Érique Pereira de Deus. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

vii, 79 f. ; 31 cm.

Orientador: Valdir Stephanini

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

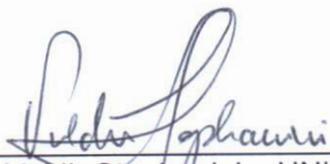
Referências bibliográficas: f. 74-79

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Assembleia de Deus. 4. Educação cristã. 5. Escola dominical. 6. Paulo Freire. - Tese. I. Jean Érique Pereira de Deus. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

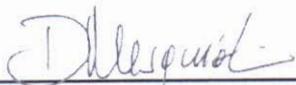
JEAN ÉRIQUE PEREIRA DE DEUS

EDUCAÇÃO CRISTÃ NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: UMA ANÁLISE DA  
ESCOLA DOMINICAL A PARTIR DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

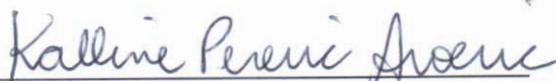
Dissertação para obtenção do grau  
de Mestre em Ciências das  
Religiões no Programa de Mestrado  
Profissional em Ciências das  
Religiões da Faculdade Unida de  
Vitória.



Doutor Valdir Stephanini – UNIDA (presidente)



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA



Doutora Kalline Pereira Aroeira – UFES

## AGRADECIMENTO

A Deus, que tem sido o motivo de toda a minha existência; Por isso, sou grato de todo o coração.

À minha esposa Marli que tanto amo, pelo apoio, pela compreensão e pelo sacrifício da ausência física e financeira. Aos meus filhos, Maila e Aleffe, extensão do meu ser, razão motivadora para continuar almejando crescimento, para dar lhes uma condição de vida melhor.

Aos meus pais e a meu irmão, que sempre acreditaram e me motivaram a continuar estudando.

Ao prof. Doutor Valdir Stephanini, meu orientador, de quem pude durante o tempo de estudo e de acompanhamento receber as mais ricas orientações. Sua larga experiência, dedicação e seriedade para com o estudo contribuíram muito para o meu crescimento; não tenho como pagar, mas rogo a Deus que o recompense de forma especial.

À Faculdade Unida por me propiciar a conclusão de mais um curso.

Aos professores e direção do Curso Ciências da Religião, minha gratidão pelas aulas ministradas e pelo apoio dispensado. Em especial ao professor Dr. Davi Mesquiati de Oliveira e a professora Dra. Claudete Beise Ulrich meus qualificadores, que muito contribuíram para melhorar esse trabalho.

A Luana, que por muitas vezes me atendeu com toda educação e boa vontade.

A Everson, um amigo irmão que a frequência no curso me proporcionou.

Deus os recompense!

Ao autor da vida, toda honra e glória!

## RESUMO

Uma análise da educação cristã nas assembleias de Deus, com especial foco na Escola Dominical a partir da pedagogia de Paulo Freire, é a base que constitui o presente trabalho. Durante essa construção, torna-se conhecido a história da Escola Dominical, sua origem, sua evolução histórica até os dias atuais, mostrando as conquistas e avanços, a expansão numérica, geográfica e sua criação literária. Como também um estudo bibliográfico da pedagogia freireana, do pensamento de Paulo Freire e a construção desse pensamento ao longo da história, considerando sua influência hoje para a educação. No capítulo primeiro, o objetivo proposto foi apresentar um resumo da história da Escola Dominical, desde o seu início até a situação atual, seu público alvo, a estrutura didática do material utilizado e a formação do/a professor/a que tem ministrado na Escola Dominical. Enfoca ainda, a estrutura existente, analisando pontos positivos e negativos. O capítulo segundo enfatiza a pedagogia freireana, tal como a influência do homem e do educador Paulo Freire, sua contribuição pedagógica para a educação brasileira, a grandeza do método e os resultados com a implantação do mesmo em escolas seculares. O terceiro capítulo trouxe uma distinção clara entre educação formal e a educação não formal. A estrutura de uma educação formal e seus benefícios, como as possibilidades de fracasso em uma educação não formal. Discorrido ainda sobre a formação pedagógica dos/as professores/as da Escola Dominical e a necessidade de uma boa formação para o exercício da ação educadora com sucesso, tanto quanto a sua responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem e na ação transformadora tanto individual como social do/a educando/a e consecutivamente no meio em que está inserido. Todo o trabalho tem como metodologia o estudo bibliográfico, mediante fontes científicas de análise dentro dos padrões científicos necessários para o desenvolvimento de um trabalho sério e confiável.

Palavras-chave: Assembleia de Deus, Educação Cristã, Escola Dominical, Paulo Freire.

## ABSTRACT

An analysis of Christian education in the assemblies of God, with a special focus on the Sunday School from the pedagogy of Paulo Freire, is the basis that constitutes the present work. During this construction, it becomes known the history of the Sunday School, from its origin, its historical evolution to the present day, showing the conquests and advances, from the numerical, geographical expansion and its literary creation. As well as a bibliographical study of Freirean pedagogy, of the thought of Paulo Freire and the construction of this thought throughout history, considering its influence today for education. In the first chapter, the objective was to present a summary of the history of the Sunday School, from its beginning to the current situation, its target audience, the didactic structure of the material used and the teacher training that has taught at the School Sunday. It also focuses on the existing structure, analyzing positive and negative points. The second chapter emphasizes Freirean pedagogy, such as the influence of the man and the educator Paulo Freire, his pedagogical contribution to Brazilian education, the greatness of the method and the results with the implantation of the same in secular schools. The third chapter brought a clear distinction between formal education and non-formal education. The structure of a formal education and its benefits, such as the chances of failure in a non-formal education. Further on the pedagogical training of Sunday School teachers and the need for a good formation for the exercise of educative action with success, as well as their responsibility in the teaching-learning process and in the transformative action both individual and social situation of the educator and consecutively in the environment in which he / she is inserted. All the work has as methodology the bibliographic study, using scientific sources that are condition of analysis within the scientific standards necessary for the development of a serious and reliable work.

**Keywords:** Assembly of God, Christian Education, Sunday School, Paulo Freire.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A ESTRUTURAÇÃO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS .....	12
1.1 A Escola Dominical e seu público alvo.....	12
1.2 A estrutura didática do material utilizado .....	18
1.3 A formação do professor/a da Escola Dominical .....	23
2 PAULO FREIRE E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO PEDAGÓGICO BRASILEIRO.....	30
2.1 A pedagogia freireana.....	30
2.2 O público alvo da pedagogia de Paulo Freire.....	37
2.3 A contribuição da pedagogia de Paulo Freire para a construção de práticas educativas inovadoras.....	44
3 PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS .....	51
3.1 A reestruturação da Escola Dominical a partir de um modelo de educação formal.....	52
3.2 A formação pedagógica dos professores/as da Escola Dominical .....	58
3.3 A utilização da pedagogia freireana no contexto eclesiástico .....	65
CONCLUSÃO.....	71
REFERÊNCIAS .....	74

## INTRODUÇÃO

A Assembleia de Deus no Brasil é a maior denominação pentecostal do meio evangélico, tendo sua origem em 1911, permanece crescendo e sendo referência entre os cristãos. Dentre o conjunto de ações desenvolvidas pela igreja, com grande significância é a ação educacional através da Escola Dominical, ensinando o que seus adeptos chamam de Palavra de Deus, uma referência ao seu livro sagrado (Bíblia), além de determinados valores sociais e políticos.

Mediante tal significância institucional, foi proposta uma análise da ação educadora na Igreja Assembleia de Deus a partir do método pedagógico de Paulo Freire, e qual sua possível contribuição na estruturação da educação cristã, em especial nas Escolas Dominicais, através de pesquisa bibliográfica.

Esta pesquisa traz como objetivos específicos: Diagnosticar a real situação da educação cristã nas Assembleias de Deus e em especial na igreja em Padre Paraíso. Identificar a influência da pedagogia freireana para a construção de práticas educativas inovadoras e qual poderia ser a contribuição da mesma, na melhoria da Escola Dominical na referida igreja.

Realizará uma pesquisa bibliográfica, para maior conhecimento da realidade educacional nas Assembleias de Deus no Brasil, tendo assim um contato com o fenômeno estudado, possibilitando o acesso a informações importantes, tais como: a historicidade da Escola Dominical, desde sua origem mundial, sua trajetória até o início no Brasil e em âmbito mais específico, dentro da própria Assembleia de Deus.

Será estudado o público alvo da Escola Dominical, sua faixa etária de idade inicial e as inserções posteriores, os avanços no alcance a outras faixas etárias. Abordará o local de origem e onde são realizadas as Escolas Dominicais na atualidade, sua infraestrutura, tanto didática, metodológica e física, suas evoluções gráficas e método pedagógico utilizado na sua elaboração, qualidade e periodicidade desse material. Tratará em especial da data e fundador, os objetivos que o levou à criação da mesma, as evoluções e mudanças, as faixas etárias objetivadas e alcançadas, tais como a estrutura didática.

Todo o trabalho terá como metodologia o estudo bibliográfico, mediante fontes dentro dos padrões científicos necessários para o desenvolvimento de um trabalho sério e confiável.

No primeiro capítulo será traçado uma linha histórica da Escola Dominical, tanto no mundo quanto na Assembleia de Deus. Análise essa que abordará a estrutura didática e metodológica do material utilizado, tanto quanto o perfil do professor/a da Escola Dominical,

como também sua formação, seu nível intelectual e prática pedagógica, tal como os critérios para estar à frente como educador/a. Toda a didática e metodologia utilizada pelos/as educadores/as, os objetivos propostos e seu alcance e frustrações. Enfim, será pesquisada de forma bibliográfica toda a estrutura da educação cristã nas Assembleias de Deus, com a neutralidade de pesquisador e a especialidade necessária para melhor compreensão de toda a organização estrutural desta instituição e de seu sistema de ensino interno.

O segundo capítulo enfatizará a pedagogia freireana e sua influência na educação brasileira. Tomando por base a vida e trajetória do homem e educador Paulo Freire, como os seus pensamentos e ideais, sua significância no cenário político, suas produções literárias e sua trajetória e contribuição político pedagógica. É importante ressaltar o público alvo desta pedagogia, o meio em que vivem e sua condição social, a marginalização sofrida e sua vivência à margem social. Esse capítulo abordará ainda a contribuição libertária da pedagogia freireana para a educação brasileira, denunciando o acesso de uma educação de qualidade a um reduzido grupo social, em contraponto a facilidade de acesso a outros socialmente abastados.

A escolha de Paulo Freire como marco teórico desse trabalho se dá, principalmente, por sua grandeza como educador e pelos aspectos cristãos perceptíveis em sua pedagogia. De acordo com Pauly “sua fé não está na reflexão teórica, mas no testemunho prático diante dos pobres”<sup>1</sup>. Freire desenvolveu sua pedagogia pensando no ser humano como sujeito ativo, não como alguém que recebe passivamente conteúdos e saberes prontos. Onde a educação, sendo cristã ou não, tem o objetivo de tornar o/a educando/a alguém capaz de mediar sua vida na relação com o mundo.

O terceiro capítulo propõe ações intervencionistas no ensino da Escola Dominical, partindo de um modelo de educação formal, em contraponto a educação não formal, como é hoje a educação na Assembleia de Deus. Nesse contraponto, na educação formal há um currículo a ser seguido, uma estrutura curricular escolar e principalmente níveis de formação, não apenas um ensino descompassado, com objetivos e fins temáticos, mas sim uma educação sequencial e progressiva, com meios avaliativos tanto do/a educador/a quanto dos/as educandos/as, para que assim possa descrever os níveis de ensino aprendido e, se necessário, aperfeiçoando a metodologia e didática empregada. Propõe-se ainda, a utilização da pedagogia freireana nesse contexto de educação cristã, e o aproveitamento do meio em que o/a aluno/a vive, como material didático na sua formação e transformação social.

---

<sup>1</sup> PAULY, Evaldo Luis. *Ética, educação e cidadania: questões de fundamentação teológica e filosófica da ética na educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 116-117.

O capítulo ainda abordará a formação pedagógica do/a professor/a da Escola Dominical, enfatizando não só sua incumbência de transmitir conhecimento, mas de construí-lo de uma forma interativa com seus alunos/as, para que conheçam de forma crítica a si mesmos/as e seu meio. Trabalhando para que nos/as mesmos/as haja maior motivação, um conhecimento ético-moral, uma interação coletiva e consecutivamente uma transformação do meio em que vive.

Diante de tais balizamentos constrói-se o presente trabalho, no intuito de conhecer, analisar e contribuir com a educação cristã nas Assembleias de Deus.



## 1 A ESTRUTURAÇÃO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Diante dos muitos desafios a serem enfrentados, a educação é fundamental para o desenvolvimento humano. Não como uma produção mágica surgida do nada, mas como fruto de um trabalho conciso e progressivo. A educação cristã de forma geral, não foge a esses propósitos, mas sim, busca “o desenvolvimento da pessoa e de seus dons naturais à luz da perspectiva cristã da vida, da realidade, do mundo e do homem”<sup>2</sup>.

No presente capítulo, objetiva externar a situação atual do ensino nas Assembleias de Deus, com maior ênfase na Escola Dominical, que é o momento específico de ensino, caracterizando a educação cristã nessa instituição. Será abordado desde a sua origem e história no mundo, quanto nas Assembleias de Deus no Brasil, seu público alvo, os desafios ao longo dos anos, e também as superações, crescimento quantitativo e sua expansão territorial. Todo o processo, partindo de uma estrutura de educação cristã que será detalhado no decorrer do trabalho.

### 1.1 A Escola Dominical e seu público alvo

A Assembleia de Deus no Brasil traz em sua trajetória de existência um histórico missionário, sedimentado em todo o território nacional a partir de 1910, com seus fundadores, os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, iniciada em Belém do Pará, no extremo norte do país, dando início ao que se tornaria o maior ministério pentecostal do Brasil. O ministério recém-nascido caminhou em passos largos em sua estruturação, fazendo reuniões e confecção de materiais, tais como o jornal *Mensageiro*<sup>3</sup> da Paz e a *Harpa Cristã*<sup>4</sup>.

Paralelo ao seu crescimento institucional, crescia a necessidade de instrução e formação de crianças, jovens, adultos e família, surgindo a necessidade de uma dedicação maior ao ensino. Mediante tal necessidade foi preciso implantar a única escola de educação cristã que a igreja dispunha, a Escola Dominical, e isso de maneira pedagógica e metódica esperada em toda instituição de ensino. “A Escola Dominical também coopera eficazmente

<sup>2</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. O que é uma escola cristã. *Revista Mackenzie*, ano IV, n. 24, 2003, p. 51.

<sup>3</sup> O *Mensageiro da Paz*, o órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil, Fundado em dezembro de 1930 pelo missionário Gunnar Vingren, conforme decisão da primeira Convenção Geral da AD, realizada em Natal (RN) de 3 a 5 de setembro do mesmo ano.

<sup>4</sup> A *Harpa Cristã* é o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil, lançada em 1922. Com 640 hinos, ela foi especialmente organizada com o objetivo de enlevar o cântico congregacional.

com o lar na formação dos hábitos legítimos e cristãos, práticas e deveres sociais e bíblicos, resultando daí a formação do caráter ideal, segundo os princípios do cristianismo”<sup>5</sup>.

Não há certeza sobre quando e como surgiu a Escola Dominical. Porém, seu conceito teve origem na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, em 1780 aproximadamente. Robert Raikes, conhecido como “pai da Escola Dominical”<sup>6</sup>, começou seu trabalho em Gloucester, Inglaterra. Raikes foi um jornalista que promoveu um sistema de aulas para meninos de rua aos domingos, como meio de diminuir e evitar a criminalidade. Contratou por sua conta um professor para ensinar aos domingos pela manhã, pois durante seis dias da semana as crianças trabalhavam nas fábricas (estavam em pleno desenvolvimento industrial) e aos domingos perambulavam pelas ruas inglesas.

Segundo Gilberto:

De acordo com as diretrizes de Raikes, nas reuniões dominicais, além do ensino das Escrituras, era também ministrado às crianças rudimentos de linguagem, aritmética e instrução moral e cívica. O ensino das Escrituras consistia quase sempre de leitura e recitação. Em seguida, teve início a prática de comentar os versículos lidos. Muito depois é que surgiu a revista da Escola Dominical com lições seguidas e apropriadas.<sup>7</sup>

Mediante citação acima, percebe-se que a Escola Dominical nasce com o intuito de formação de ensino secular e complemento religioso de forma secundária, tendo como público as crianças, desde os seus primórdios, tem sido um veículo não só divulgador do sagrado, mas de formação também secular, validando “a ideia de que os objetivos da educação são aprender a ler e treinar a juventude nas virtudes, preparando-a para ser útil ao mundo e para glorificar a Deus”<sup>8</sup>, como afirmou John Knox. Com experimento inicial de três anos e turmas de trinta alunos, nasce em “03 de novembro de 1783”<sup>9</sup>, um agente de formação educacional dentro das igrejas até os dias atuais, sendo inspiração das futuras escolas públicas gratuitas. O impacto foi tão grande que se não houvessem escolas gratuitas, não sabemos o que poderia ser da população carente, daqueles que não podem arcar com os estudos. Tudo nasce de um desejo de fazer do ser humano alguém melhor, de enxergar o outro igual, independente da classe social, cor e raça, mas como humano e semelhante digno do básico, apenas de oportunidade de crescimento, de aprendizagem.

O ato de ensinar por muitos anos tem sido objeto de preocupação de muitos cristãos, ganhando força na reforma com Lutero, Calvino e Philipp Melancton. Melancton destacou-

<sup>5</sup> GILBERTO, Antônio. *Manual da Escola Dominical*. 5 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1981. p. 126.

<sup>6</sup> ARMSTRONG, Hayward. *Base da Educação Cristã*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. p. 74.

<sup>7</sup> GILBERTO, 1981, p. 133.

<sup>8</sup> ARMSTRONG, 1994, p. 63.

<sup>9</sup> GILBERTO, 1981, p. 134.

se nas letras e chegou a presidir a Universidade de Wittenberg, onde orientava seus professores que deveriam ensinar com base no Credo Apostólico. “Melanchton apesar de não pertencer a nenhum clero, juntamente com Calvino, foram os maiores teólogos do círculo dos primitivos reformadores”<sup>10</sup>.

João Calvino com sua dedicação aos estudos da Bíblia no intuito de escrever um tratado sobre a fé cristã, demonstra grande sensibilidade sociocultural, percebe a carência de instituições de educação tanto para o povo no geral quanto para a igreja. Com essa percepção revoluciona a Genebra dos seus dias, como afirma Boto:

Como reformador da Igreja Cristã, Calvino, em Genebra dos anos 30 do século XVI, também se destacaria para as autoridades municipais que, sendo a formação religiosa consequência da proclamação da fé, deveria ser firmada uma escola, capaz de articular leitura, escrita e ortodoxia cristã[...]. O calvinismo nesse nível, apresentou-se como uma modificação nas estruturas mentais que regulavam não apenas a vida religiosa mas o modo de estar no mundo; e, muito particularmente, a ética no trabalho. Em 1559, Calvino agregaria o ensino de algumas escolas latinas com a reunião ginásio/academia[...]. Seu propósito institucional supunha uma estratégia pedagógica calcada na preparação do Espírito mediante uma estrita disciplina, meticulosamente planejada, com divisão de horários e de tarefas de instrução e de catecismo.<sup>11</sup>

Mediante a percepção das desigualdades, ociosidade, crescente delinquência juvenil, degradação da família e outros muitos males, fizeram da Escola Dominical mais um agente de formação e esperança para uma transformação humana. Objetivando transformações sociais e preservando os objetivos de William Fox de 1.785, ao fundar a primeira organização promotora de Escolas Dominicais na Inglaterra, conforme descreve Armstrong:

Em 1785, Willian Fox, batista, fundou a primeira organização para promover escolas dominicais. Os objetivos de sua ‘sociedade’ eram os seguintes: Evitar o vício, encorajar a operosidade e as virtudes, debelar as trevas da ignorância, difundir a luz do conhecimento e a ajudar o homem a entender seu lugar social no mundo.<sup>12</sup>

Como na Genebra daqueles dias em que o Calvinismo cresce, a Escola Dominical toma rumos grandiosos nas igrejas evangélicas mundiais, sendo crianças, adolescentes, jovens e adultos das mais diversas idades, gênero, condição social, cor e raça. No Brasil, a Escola Dominical não nasce diferente, mas sim, com poucas crianças e com características bem semelhantes às da Inglaterra.

Segundo Gilberto:

<sup>10</sup> LESSA, Themudo Vicente. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 56.

<sup>11</sup> BOTO, Carlota. A modernidade do Estado-Nação. *Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura*, ano 1, n.1, 2001.

<sup>12</sup> ARMSTRONG, 1994, p. 176.

A Escola dominical teve seu início entre nós em 19 de agosto de 1855 na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. O fundador foi o missionário Robert Kalley e sua esposa D<sup>a</sup> Sarah Poulton Kalley, da Igreja Congregacional. Eram escoceses. ... Na primeira reunião da Escola Dominical no Brasil, que teve lugar em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, na data acima, a frequência foi de cinco crianças....<sup>13</sup>

Deve ressaltar que a Escola Dominical, tem por objetivo de uma formação educacional secular, com complemento dos ensinamentos das escrituras sagradas (Bíblia) e os princípios da vida cristã, moldando-lhes o caráter pautado no evangelho. Conforme afirma Gilberto:

Em toda parte vê-se um crescente interesse no campo da instrução secular, notadamente no que tange à infância. Com o devido respeito à essa instrução que temos por indispensável para o progresso e sobrevivência de um povo, queremos afirmar que a escola provê apenas instrução, mas não provê educação.... Deixe a criança sem instrução e veja o resultado! O mesmo acontece espiritualmente ao novo convertido seja criança, jovem, adulto ou idoso.<sup>14</sup>

A Escola Dominical tem sido fonte de instrução formadora não secular, abandonando seu propósito original, devido a criação de instituições educacionais seculares, porém, não perde sua importância na formação do/a aluno/a, em uma ação de junção intelectual, social, moral e espiritual para aperfeiçoar o que o ser humano tem de melhor, reprimindo os piores sentimentos e desejos humanos, através da evangelização e ensino das escrituras cristãs.

Um dos trabalhos exitosos no Brasil, se tratando de Escola Dominical, foi realizado pela Igreja Metodista, onde tem por característica perceptível o aumento da frequência na igreja e à Escola Dominical, seu fator evangelístico e a promessa implícita de transformação social. Tais fatores propiciam ao missionário metodista Spaulding, em 29 de abril de 1836 <sup>15</sup>, usar do seu dinamismo e vontade evangelizadora para dar início ao trabalho da Escola Dominical na Igreja Metodista no Brasil, tendo em seus relatos demonstrado êxito, fazendo, conforme Marra, o seguinte relato:

conseguimos organizar uma Escola Dominical, denominada Escola Dominical Missionária Sul-Americana, auxiliar da União das Escolas Dominicais da Igreja Metodista Episcopal [...]. Mais de quarenta crianças e jovens se tornaram interessados nela [...]. Está dividida em oito classes como quatro professores e quatro professoras. Nós nos reunimos às 16h30 aos domingos [...]. Atualmente parecem muito interessados e ansiosos por aprender...<sup>16</sup>

<sup>13</sup> GILBERTO, 1981, p. 136.

<sup>14</sup> GILBERTO, 1981, p. 141.

<sup>15</sup> MARRA, Claudio. *A Igreja disciplinadora: Orientações da Bíblia e da História para o cumprimento de nossa missão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 26.

<sup>16</sup> MARRA, 2007. p. 26.

Porém, não foi adiante devido à necessidade de Spaulding retornar ao seu país de origem. Devido a tal fator, Gilberto, citado acima, menciona o casal de congregacionais Robert Reid Kalley e sua esposa Sarah Poulton Kalley como criadores do primeiro trabalho formalizado e contínuo de Escola Dominical no Brasil.<sup>17</sup>

No nascedouro da Escola Dominical, o maior de seus problemas, dentre outros, era a substituição na ausência do casal Kalley, quando estes foram morar no Rio de Janeiro. O trabalho em Petrópolis perdeu a continuidade e uma nova Escola Dominical nasceu na casa dos mesmos. Depois de algum tempo voltaram definitivamente para a Escócia e deixaram os trabalhos iniciados nas mãos da Igreja Fluminense. Logo chegou ao Brasil o jovem pastor Ashbel Green Simonton, iniciando em sua própria casa a Escola Dominical. Muitos outros nomes despontam como colaboradores, tais como: Blackford, cunhado de Simonton, John Beatty - a educadora e pastora Sherron George - Shneider, Charlotte Kemper, a primeira educadora americana no Brasil, a missionária Mary Parker Dascomb. Mattos descreve um relato de Chamberlain que “desde março de 1871, tem funcionado sob a direção da Sra. Mary P. Dascomb, sendo aulas em inglês e português. A em inglês frequentada por 23 meninos e meninas, em português por 10 meninos e meninas”<sup>18</sup>.

Outro colaborador no processo de consolidação da Escola Dominical em seus primórdios foi o presbítero Eliézer dos Santos Saraiva, membro ativo da Igreja Unida de São Paulo. Mattos o denominou de o paladino da Escola Dominical, como podemos constatar na referencia abaixo:

ele foi professor dedicado a escola dominical e superintendente da mesma por um bom período de tempo. Foi um idealizador e grande incentivador da escola dominical chegando a promover as primeiras convenções de escolas dominicais.<sup>19</sup>

No preparo do/a educando/a, as ações da Escola Dominical são educativas, em um ciclo interminável de estudos, sendo esses elaborados em revistas trimestrais, sobre as quais falaremos alguns parágrafos adiante. Percebe-se que o espaço da Escola Dominical deve ser visto como um lugar importantíssimo que a igreja, como responsável pela educação cristã, tem ao seu dispor.

<sup>17</sup> MATTOS Alderi Souza. Robert Reid Kalley: Pioneiro do Protestantismo Missionário na Europa e nas Américas. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 9-28, 2003.

<sup>18</sup> MATTOS Alderi Souza. *Os pioneiros: Presbiterianos do Brasil 1859-1900*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 67-68.

<sup>19</sup> MATTOS, 2004, p. 459.

Já em 1911, as Assembleias de Deus nascem preocupadas com a educação e formação dos seus membros. Araújo descreve assim o início da Escola Dominical nesse ministério:

Em agosto de 1911, são realizadas as primeiras aulas da Escola Dominical da Assembleia de Deus, na casa de João Batista Carvalho, em Belém. Em 1919, começa a ser publicado o suplemento Estatutos Dominicais, no Jornal Boa Semente, são as primeiras lições impressas para serem utilizadas pelos alunos da Escola Dominical nas Assembleias de Deus.<sup>20</sup>

A Escola Dominical, desde seus primórdios, permanece ligada à função de ensino, a todos os participantes em suas mais diversas classes por faixas etárias, contribuindo assim para que todos participem e obtenham formação, tanto bíblica, quanto social e de caráter moral.

Porém há deficiências explícitas nesse processo de formação implantado nas Assembleias de Deus, conforme descreveu Olivetti, afirmando que:

A Escola Dominical funciona somente aos domingos, em suas atividades formais, mínimas, com uma hora-aula. Em forte contraste, a escola diária conta com cerca de vinte horas-aulas por semana. Bastaria esta diferença para determinar metodologia específica para a Escola Dominical. A Escola Dominical não ‘forma’ alunos. Os oficiais, os professores e os alunos da Escola Dominical são responsáveis pela obtenção de novos alunos. Não apenas no sentido de aumento do número de matrículas, mas no sentido de, quando possível, ganha-los para Cristo e para a família da fé. Esta qualidade tem que ver com a evangelização – tarefa dominante da igreja, de suas instituições e de cada crente. Sua finalidade maior é espiritual...<sup>21</sup>

As ponderações feitas pelo autor induzem à reflexão sobre a eficácia da Escola Dominical e à necessidade de reconsiderar suas implicações pedagógicas e metodológicas para um maior cumprimento da ação evangelizadora. A Escola Dominical em definição do próprio nome deve ser um instrumento importante na formação religiosa de seus membros e demais frequentes na igreja. Zózimo Antonio Passos Trabuco conceitua muito bem a Escola Dominical, sendo este:

A Escola Dominical era fundamental enquanto escola, porque a educação constituía-se um valor importante no pensamento missionário como elemento evangelizador e civilizatório. Era importante por ser Bíblica, ou seja, voltada principalmente ao estudo dos textos bíblicos que fundamentavam as crenças batistas e a visão de mundo do grupo sobre a sociedade. E por ser Dominical, uma vez que a guarda do Domingo de acordo com a interpretação batista do quarto mandamento, era a evidência de uma vida genuinamente cristã, e o descumprimento injustificado desse mandamento era motivo de disciplina e até exclusão.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> ARAÚJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 43.

<sup>21</sup> OLIVETTI, Odayr. *Aprimorando a Escola Dominical*. 2 Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 32.

<sup>22</sup> TRABUCO, Zózimo Antonio Passos. *O instituto bíblico do nordeste e a construção da identidade batista em feira de Santana (1960-1990)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-

Na última citação, foi feita uma abordagem de forma geral no meio cristão, sobre Escola Dominical, inclusive em outras denominações não assembleianas que têm como ação educacional a Escola Dominical, porém, deve ser ressaltado que as Assembleias de Deus têm um material didático próprio, elaborado por seus autores e confeccionado pela própria instituição gráfica, construindo uma Escola Dominical com características próprias de uma educação cristã, tendo autonomia para confecção do seu próprio material, trabalhando temas relevantes e de interesse doutrinários do próprio ministério, material esse que ganhou corpo, sedimentação e robustez, digno de ser analisado especificamente em outro momento.

Mediante o descrito, percebe-se que historicamente a Escola Dominical perdeu a gênese educacional que nascera na Inglaterra com Raikes. Uma ação que lançara os fundamentos educacionais que subsistiria a séculos, porém que nos dias atuais têm muitas debilidades e com muito pouco de sua essência.

## 1.2 A estrutura didática e o material utilizado

Não há como tratar de Escola Dominical sem uma análise da estrutura e do material utilizado na Escola Dominical das Assembleias de Deus. É de suma importância no ensino da igreja, constituída sob uma estrutura organizacional que envolve um tripé, constituído por: uma organização pessoal que envolve os oficiais, professores/as e alunos/as; uma organização material composta por prédio, mobiliário, material didático e a organização funcional que abrange a espiritualidade e o planejamento para realização das atividades desenvolvidas.

Diante desta realidade estrutural da Escola Dominical e sua necessidade, George Wagner de Campos Freitas afirmou:

A Escola Dominical presente no Brasil desde o século XIX, procurou desenvolver capacidades de superação para atender diferentes públicos e necessidades. Com o avanço das tecnologias e com a complexidade social, precisou ao longo do tempo organizar uma estrutura semelhante a de uma escola secular. Sua estrutura e funcionamento requer compreensão da forma escola de ser.<sup>23</sup>

---

Graduação da Faculdade de História Social. Salvador - Bahia, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10884/1/Dissertacao%20Zozimo%20Trabucoseg.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

<sup>23</sup> FREITAS, Jorge Wagner de Campos. *Adolescência, Escola Dominical e Educação: Perspectivas de um novo processo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da religião. São Bernardo do Campo, 2006. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/592/1/Jorge%20Wagner%20de%20Campos%20Freitas.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

Entendendo, assim, os inúmeros desafios que a Escola Dominical terá, sendo eles didáticos ou numéricos, equiparando-se à escola secular, deve-se adequar para atender às necessidades e expectativas como escola, não simplesmente como um aglomerado de pessoas reunidas para discussão de um tema bíblico, e muitas vezes a memorização de um texto bíblico, onde, conforme Léa Marcondes, “As crianças adquirem um bom conhecimento das histórias bíblicas e de seus personagens, mas não o relacionamento com o cotidiano, com outras áreas de sua vida e com as suas outras aprendizagens”<sup>24</sup>. Diante disso, sabe-se então que as suas responsabilidades nascem mediante as necessidades dos seus/as educandos/as, das famílias ali representadas, do meio social onde estão inseridos como seres críticos participativos, atendendo assim, os anseios dos que a frequentam.

A Escola Dominical não deve ser um fim em si mesma e não deve objetivar apenas a transmissão de informações bíblicas e doutrinárias. Ela deve trabalhar a pessoa toda, sua vida intelectual e espiritual, emocional e comportamental. Ela deve preparar os alunos para desenvolverem seus ministérios e viverem a ética cristã.<sup>25</sup>

Baseado no princípio acima descrito, a Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil, que desde o início se reúne de dois em dois anos, em 1971 foi criada a Comissão de Educação Religiosa, tendo por função: “A referida comissão elaborará o esquema de um currículo que, depois de lido, discutido e aprovado pelo plenário, será adotado pelas escolas bíblicas permanentes e instituições congêneres.”<sup>26</sup>

Em 1977, a Convenção Geral passou a deliberar medidas através de Resoluções. A de nº 4/77 – Amplia a Competência da Comissão de Educação e Cultura Religiosa. Essa tem como proponente Joanyr de Oliveira e resolve ampliar, conforme se segue competência da Comissão de Educação e Cultura Religiosa: Examinar os currículos a serem adotados pelos educandários vinculados às igrejas ou Convenções, especialmente as Escolas Bíblicas permanentes e congêneres, como também as alterações introduzidas nesses currículos.<sup>27</sup>

Percebem-se aqui os primeiros passos de formalização de um ensino com os mesmos rigores de uma escola secular. Mesmo nos primórdios do seu nascedouro ainda sem uma estrutura física e didática, as Assembleias de Deus se preocupavam com a formação dos seus

<sup>24</sup> MARCONDES, Léa Rocha Lima. *A formação de professores em educação cristã: uma leitura a partir da experiência com a Abordagem Relacional*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2005. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=400](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=400)>. Acesso em: 20 ago. 2018.

<sup>25</sup> GEORGE, 1993. p. 148.

<sup>26</sup> FERNANDES, Rubeneide O. Lima. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o estabelecimento da educação formal*. Dissertação (pós-graduação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências Humanas. Piracicaba, São Paulo, 2006. Disponível em <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/ALFTDYXGHISV.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

<sup>27</sup> FERNANDES, 2006, p. 102.

membros de forma integral e responsável. Foi lançada a revista Lições Bíblicas, no Rio de Janeiro/RJ; a decisão de publica-la foi apresentada na convenção geral de líderes da Igreja Assembleia de Deus realizada em Natal, no Rio Grande do Norte, naquele mesmo ano. A revista era publicada regularmente e semestralmente nos primeiros anos de sua existência. Particularmente, no período de 1930 a 1938, a revista focalizou apenas o público adulto da Escola Dominical.

As revistas passam a ser instrumento de formação na Escola Dominical para os alunos/as leigos/as e de aprendizagem dos elementos da doutrina eclesial, tendo momentos de estudos aos domingos pela manhã. São divididas por faixa etária e temáticas, num período trimestral de publicação, redigidas por um comentarista, revisadas por um consultor teológico da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil e redistribuídas para todo o Brasil, sendo um instrumento de leitura que tem a Bíblia como livro doutrinário.

As revistas utilizadas nas Escolas Dominicais pelas Assembleias de Deus, são publicadas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus no Brasil, trazem em seus registros, em especial no material estudado na Escola Dominical, uma preocupação com os valores espirituais, mas também sociais, chegando a publicar no quarto trimestre do ano de 2005, uma revista que trazia como título: “E agora, como viveremos? A resposta cristã para tempos de crise e calamidade moral”<sup>28</sup>, demonstrando sua preocupação com o convívio social dos fiéis fora do âmbito religioso, preocupação essa que se expande a todas as áreas da vida humana. Logo em sua primeira lição, Jeremias do Couto traz um comentário em defesa dos valores defendidos pela igreja: “ Nunca ocorreu, em toda a história, uma época semelhante aos dias atuais, onde é nítida a ausência de valores, a saber, de sentimentos, decoro, vergonha, moral, caráter, respeito e temor a Deus”.<sup>29</sup> Em todo o corpo da revista, são analisados os padrões sociais vivenciados nos dias atuais e a necessidade de preservação dos valores morais tão aludidos pela igreja, contrapondo um regime teocêntrico ao antropocêntrico, na formação geral do ser humano.

A revista Lições Bíblicas – Jovens e Adultos, editada trimestralmente pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus no Brasil, disponibilizada em duas versões: Aluno e Mestre, traz em seu interior um total aproximado de 13 lições, que correspondem ao trimestre, com aproximadamente 4 ou 5 lições por mês, sendo cada lição semanal, que deve ser estudada durante a semana em uma leitura individual, e posteriormente socializada no domingo pela manhã em um tipo de leitura coletiva. Segue um formato padrão com sugestões de leituras

---

<sup>28</sup> CPAD. *Lições bíblicas*. Jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 34.

<sup>29</sup> CPAD. 2005, p. 06.

bíblicas diárias ao longo da semana e a transcrição de um texto bíblico (cerca de 10 versículos) que embasará o comentário, estruturado em 4 ou 5 páginas, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Figura nº 01: Capa da revista da Escola Dominical



Fonte: Estudantes da Bíblia<sup>30</sup>

A capa traz o trimestre e o ano em que a lição estudada é publicada, o código de barra e o tema central da lição, com arte gráfica relacionada ao mesmo. Em seu verso, a propaganda de um produto ou evento realizado pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Em seu interior, na parte superior da página estão o comentarista do trimestre e o sumário geralmente trazendo 12 a 13 lições, uma para cada domingo. No verso, uma descrição sucinta da diretoria na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, gerente de publicações, Consultoria Doutrinária e Teológica, Gerência Financeira, Comercial,

<sup>30</sup> Disponível em: <[http://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad\\_sumario\\_2014\\_2t.htm](http://www.estudantesdabiblia.com.br/cpad_sumario_2014_2t.htm)>. Acesso em: 21 out. 2017.

Rede de Lojas, TI, Chefe de Arte e Design, Chefe do Setor de Educação Cristã, Editorial, Projeto gráfico, Capa e Diagramação e uma palavra do presidente do conselho administrativo e diretor executivo.

Na lição bíblica da semana aparece o número da lição, a data que deve ser estudada, o texto áureo, geralmente composto por um ou dois versículos, a verdade prática, que é a reflexão central da lição e a sugestão da leitura diária, trazendo um tema e um texto bíblico para cada dia da semana. A lição inicia com a leitura bíblica em classe, trazendo o texto base da lição, com uma quantidade variada de versículos. Traz, ainda, a sugestão de três hinos da harpa cristã, os objetivos gerais e específicos da lição antecedendo a introdução que será o início da discussão formal da lição. O desenvolvimento é composto geralmente por três tópicos, os quais podem ser subdivididos em subtópicos, expondo e discutindo o assunto da lição de forma mais detalhada, propiciando ao professor maior condição de exposição do tema, dinamização da aula e a conclusão, que é uma abordagem sucinta, antecedendo um questionário para sondagem do nível de aprendizagem dos/as alunos/as.

Devemos ressaltar que a Escola Dominical é dividida em faixa etária, o que não é algo novo. Foi implantada pelos missionários americanos que aqui estiveram plantando igrejas. Elton de Oliveira Nunes, escrevendo a respeito desta divisão de faixa etária, afirmou que “o modelo trazido dos EUA era basicamente de divisão entre crianças e adultos, homens e mulheres passando, posteriormente, a subdivisões nas chamadas áreas infantis, adolescentes (transição), jovens e adultos. Este modelo vigora até hoje com algumas modificações”.<sup>31</sup>

A Escola Dominical é um agente educacional que visa à edificação e ao treinamento de todas as idades. Cada idade ou faixa etária tem certas características e necessidades. A maior força da Escola dominical é que ela tem classes para cada idade com currículo, métodos e salas apropriadas. É impossível colocar todas as crianças juntas em uma ou duas classes e ter um ensino eficaz. A capacidade, a atenção e as próprias necessidades físicas e emocionais de uma criança de 4 anos e de uma de 10 anos são diferentes. As classes devem ser sempre pequenas, para facilitar a participação e o relacionamento na aprendizagem. Os jovens e adultos podem ser divididos de acordo com suas necessidades, estágios de desenvolvimento e interesses.<sup>32</sup>

A filosofia da Escola Dominical, quando exercida, torna um forte instrumento na educação nas Assembleias de Deus, abrangendo todas as faixas etárias, gerando solidez desde as mais tenras idades até a maturidade, pleiteiam a formação de homens e mulheres com caráter cristão e com firmeza na defesa da fé e doutrinas cristãs, desde a idade mais infantil.

<sup>31</sup> NUNES, Elton de Oliveira. *Os desafios e alternativas para a práxis educacional religiosa na atualidade: uma análise a partir da Convenção Batista Brasileira*. 2010, p. 3. Disponível em: <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo\\_01\\_01.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_01_01.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>32</sup> GEORGE, Sherron. *Igreja evangélica*. Patrocínio: CEIBEL, 3 Ed. 1993, p. 147.

Geralmente a metodologia utilizada na Escola Dominical é a mesma, mesmo em outras denominações cristãs que realizam educação cristã nessa modalidade: leitura e exposição oral do conteúdo da revista estudada, enquanto os/as alunos/as ouvem e questionam, interpelam e comentam raramente, fazendo muitas vezes as Escolas monótonas e exaustivas, refletindo na baixa frequência nas Escolas Dominicais. Tuler propõe uma definição importante na melhoria da didática dos professores de Escola Dominical:

Não devemos tornar nossa maneira de dar aula tão rígida a ponto de não admitirmos outros meios de comunicação mais práticos, dinâmicos e flexíveis. Precisamos diversificar nossos métodos e adequá-los eficientemente às novas realidades e circunstâncias.<sup>33</sup>

Será analisado um pouco mais sobre a prática do/a professor/a no próximo item, quando será discorrido sobre a formação do professor/a da Escola Dominical nas Assembleias de Deus, este como agente responsável pela formação dos/as educandos/as e disseminação do conhecimento. A Escola Dominical só atingirá seus objetivos educacionais se o/a professor/a tiver formação, interesse e capacidade intelectual e pedagógica para ministração das aulas, atribuindo-lhes maior dedicação.

### 1.3 A formação do professor/a da Escola Dominical

Há décadas, na Assembleia de Deus, discute-se a respeito da formação necessária do professor/a em congressos, seminários, cursos e muitos outros eventos. Mesmo que conforme Léa Marcondes, tratando do meio pentecostal:

não há prioridade na formação acadêmica formal de seus pastores e lideranças. Muitas destas igrejas têm instruído sua liderança e formado pastores por meio de institutos vinculados à própria denominação ou igreja local, com critérios educacionais pertinentes às suas necessidades e sem o reconhecimento tradicional requerido pelo Ministério da Educação.<sup>34</sup>

Essas discussões têm acontecido de forma vaga e com pouca efetividade, se atendo a propostas que redundam em recomendações abstratas sobre a necessidade de sólida formação dos/as educadores/as, da integração entre teoria e prática, da interdisciplinaridade, mantendo-se na retórica de longas datas. E como afirmou Léa Marcondes, na maioria das vezes se reduzindo a ambientes educacionais não formais da própria denominação.

<sup>33</sup> TULER, Marcos. *Manual do professor*. Rio de Janeiro: CPAD, 7 Ed. 2006, p. 87.

<sup>34</sup> MARCONDES, Léa Rocha Lima. Novas perspectivas para a educação no meio evangélico. *Revista Pistis Praxis. Teologia e Pastora*, Curitiba, v.2, n. 2, p. 515-526, jul./dez. 2010.

Porém é consenso que o/a professor/a tem papel importantíssimo no processo de ensino aprendizagem, como mediar no processo de crescimento do/a educando/a e da sua formação intelectual; a condição de mediador o torna figura imprescindível na formação do ser. A educação é um processo que envolve necessariamente pessoas com conhecimentos em níveis diferentes, propondo compartilhamento e troca de conhecimentos, tornando a formação, a centralidade no processo da educação formal, com o objetivo de preservar uma civilização com possibilidades de uma vida melhor e com a participação de todos. Tem ainda a responsabilidade de estimular o/a aluno/a a se interessar pelo crescimento e aquisição do conhecimento, tanto quanto pelo material utilizado e o educandário do qual faz parte.

Desde que a Escola Dominical surgiu na Inglaterra à sua condição atual no Brasil, cresceu e assumiu uma estrutura de agência de educação e formação de seus/as alunos/as. Com a evolução social de forma geral, obrigou-se a Escola Dominical a assumir posturas e adotar modelos pedagógicos para cumprir seu verdadeiro papel de agente educacional e atingir os objetivos propostos, garantindo ao/a educando/a apropriação do conteúdo e aquisição do saber, exercendo como em qualquer instituição educacional, os direitos legais no que tange à formação intelectual, moral e social do ser humano. No processo de educação cristã nas Assembleias de Deus no Brasil não é diferente. Deve propor que o ser seja trabalhado num todo (corpo, alma e espírito) segundo os preceitos doutrinários da instituição, porém, com ênfase maior no preparo espiritual, evangelístico, não apenas doutrinar e educar para o convívio por meio de normas institucionais.

É fundamental entender a formação de educadores/as num contexto geral, para que possa analisar o perfil existente e da real necessidade da Escola Dominical para um bom êxito e no cumprimento do seu propósito. É necessário definir aqui o que é entendido por formação. Definindo como “estar se formando”, o que significa que a formação nunca está concluída.

Vislumbramos um conceito de educação que se abre rapidamente para um enfoque mais amplo: com efeito, já não basta hoje trabalhar com propostas de modernização da educação, trata-se de repensar a dinâmica do conhecimento no seu sentido mais amplo e as novas funções do educador como mediador deste processo.<sup>35</sup>

Nesse processo de formação, o/a professor/a da Escola Dominical tem um papel fundamental na construção desses preceitos, conforme Gilberto: “O professor da Escola Dominical precisa ensinar tão bem a lição bíblica do dia, quanto o professor de matemática ensina sua matéria, um preparo intelectual e um domínio de conteúdo que lhe deem

<sup>35</sup> KULLOK, Maisa Gomes Brandão. *Formação de professores para o próximo milênio: novo locus? 2 ed.* São Paulo: Annablume, 2000. p. 124.

tranquilidade na transmissão do conhecimento e desperte nos alunos o desejo de conhecer mais e mais sobre o assunto”<sup>36</sup>. O/a professor/a torna-se uma fonte inspiradora para seus/suas alunos/as, sendo um exemplo aos/as mesmos/as, despertando-os/as ao estudo constante com prazer, tornando um guia no processo de ensino/aprendizado.

Durante o preparo semanal para a aula do domingo, como na educação secular, o/a professor/a deve se preparar, buscar material de apoio, auxílio ao tema a ser trabalhado, confeccionar materiais didáticos, planejar a estrutura e ambiente pedagógico de forma harmônica ao tema, no intuito de despertar nos alunos maior curiosidade e compreensão pelo tema a ser lecionado. O material de apoio deve ir além da revista de lição bíblica e devem ser utilizados: Bíblias, livros de consulta, dicionários, concordâncias, comentários, internet, livros vinculados ao tema, ainda que de autores não cristãos, anotações pessoais, observações, ilustrações e oração.

Deve ser considerada a diversidade dos/as alunos/as em idades e níveis de formação intelectual. É necessária uma análise de como tem sido as aulas ministradas. Como tem sido a qualidade da docência nas Escolas Dominicais? Tem trabalhado pedagogicamente correto ou apenas fazem a leitura das revistas, dando pouca importância à qualidade de ensino? Como está a qualidade do ensino na Escola Dominical nas Assembleias de Deus no Brasil e em especial na cidade de Padre Paraíso, Ministério Teófilo Otoni? Devemos observar que na igreja há um público heterogêneo, desde senhores e senhoras semianalfabetos a universitários e profissionais com nível superior. Para atingir essa diversidade, o/a professor/a deve inovar na educação cristã, fazendo, assim, utilização de recursos metodológicos e uma didática atrativa e motivadora para a frequência às aulas.

Tudo que é bom, se em excesso, acaba enjoando. Você concorda? Arroz e feijão é uma delícia, mas todo dia enjoa. Nossos alunos ficam entediados quando o professor utiliza sempre os mesmos métodos, semana após semana. Não existe um método único, perfeito. Todavia, os métodos devem ser variados.<sup>37</sup>

Além de um material didático atrativo e facilitador no processo de ensino aprendizagem, é necessário uma parceria com a família, com a liderança da igreja, com os demais departamentos da igreja local e uma compreensão clara por parte do/a professor/a da realidade vivida pelo/a aluno/a. Deve ressaltar o conhecimento e utilização por parte do/a professor/a de uma metodologia pedagógica adequada ao nível do público a ser atingido e um conhecimento teológico, pois está tratando de um preparo primordial do ser cristão.

<sup>36</sup> GILBERTO, 1998. p. 193.

<sup>37</sup> BUENO, Telma. *Educação cristã reflexões e práticas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 25.

Percebemos que o/a professor/a é escolhido pelo simples fato do desejo em contribuir na instituição em que está inserido e disponibilidade de tempo, considerando o nível espiritual e um mínimo de conhecimento necessário, porém não é tido como requisito básico a sua formação pedagógica, o que lhe permitiria conhecer um pouco mais do processo educacional, pois é de fundamental importância que o/a professor/a conheça os métodos pedagógicos, aplicação didático pedagógica dos conteúdos, metodologia da aprendizagem, sondagem, avaliação, planejamento e replanejamento. Esses são alguns requisitos básicos para que se obtenha sucesso no processo de ensino aprendizagem.

Zanon e Althaus, afirmam que:

A ação docente, sendo direcionada aos alunos, revela sempre uma intenção. Certamente requer do professor especial atenção com relação aos conteúdos a serem desenvolvidos, havendo a necessidade de conhecer os alunos. Para que isso se concretize, é preciso o professor conhecer e compreender o processo didático, que envolve o ensino, a aprendizagem, a pesquisa e a avaliação.<sup>38</sup>

É fundamental na transmissão do conhecimento que o/a professor/a da Escola Dominical seja apaixonado/a pelo saber, dinâmico/a, motivador/a, instigador/a, deve interagir com o/a aluno/a e motivá-lo/a na busca constante da aquisição de instrução. Na maioria das vezes, o/a educador/a só usa o método expositivo e como material didático o quadro, o giz (quando o tem) e a revista da lição dominical, tornando as aulas cansativas e enjoativas, sem nenhum incentivo à frequência, tornando-as um ritual litúrgico metódico repetitivo.

Alguém já disse, com muita propriedade, que o pior método é aquele que sempre é utilizado. Não importa qual seja: discussão, perguntas e respostas, ou preleção. Se é usado invariavelmente todos os domingos, é o pior. Cada método tem o seu valor e o seu propósito. Não existe um melhor que o outro.<sup>39</sup>

O processo de ensino-aprendizagem é árduo e requer daquele/a que está à frente muito preparo, um vasto conhecimento, inovação e dinamismo, para que possa assim cativar o/a ouvinte, despertando diuturnamente o desejo de frequentar a Escola Dominical. O/a professor/a dedicará ao/a aluno/a toda atenção, espera-se muito dele/a, torna-se o/a agente mediador/a do processo, aumentando assim sua responsabilidade na construção do conhecimento.

Na atualidade, se o/a professor/a não souber exercer de forma inteligente e multifacetada a arte de ensinar, poderá tornar o ensino uma rotina de monólogo, sem

<sup>38</sup> ZANON, Denise Puglia; ALTHAUS, Maiza Taques Margraf. *Didática 1*. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2009, p. 30.

<sup>39</sup> TULER. 2006, p. 87.

motivação. O/a educador/a de visão, segundo George Barna,<sup>40</sup> saberá qual o tempo oportuno para aplicar determinados tipos de métodos, bem como saberá se deve continuar ou não os usando.

Após a frequência durante três meses consecutivos, ou seja, treze domingos, na Escola Dominical da Assembleia de Deus em Padre Paraíso, foi observado que são ministradas aulas expositivas, onde o/a professor/a inicia expondo o tema, tendo como base a lição a ser trabalhada na data, faz-se a leitura com algumas intervenções pelos alunos e, no final, faz-se algumas perguntas elaboradas pelos editores da lição.

Uma aula expositiva requer um pouco mais do/a professor/a, do que uma simples leitura. Deve planejar o que dizer, dar exemplos que envolvam a experiência e cotidiano dos/as alunos/as, melhorar a elocução na aula, ter um cuidado com a linguagem e exemplos dados, usar uma linguagem acessível ao público, saber usar a gesticulação e estabelecer o contato visual com seus/suas alunos/as, tudo sem perder o controle e a disciplina da classe.

Diante dessa ritualização metodológica (sempre por forma expositiva) da Escola Dominical na Assembleia de Deus, precisa indagar se o modelo utilizado tem contribuído para o crescimento dos/as alunos/as em todas as faixas etárias, sendo necessário fazer um levantamento minucioso, através de entrevistas e coletas de dados. Elaborando gráficos e usando questionários que possam responder perguntas tais como: qual seria o método mais apropriado para o crescimento e desenvolvimento dos/as alunos/as e da própria Escola Dominical? O educador Thomas Groome<sup>41</sup> afirma que o modelo mais apropriado para a Escola Dominical de forma geral, é aquele que leva o educando a pensar na sua ação presente e refletir criticamente seus atos. Tratando especificamente da educação cristã, e aqui a Escola Dominical, que o leve a refletir sobre seus atos, porém passando pelo crivo do comportamento cristão, de uma visão cristã, tendo ações pautadas no conhecimento cristão.

A “ação presente é toda e qualquer forma pela qual nos expressamos. Inclui o que fazemos física, emocional, intelectual e espiritualmente ao vivermos em níveis pessoais, interpessoais e sociais”<sup>42</sup>. Tal consideração demonstra o intuito maior do processo educacional, que é o de formar o indivíduo para uma ação crítico participativa socialmente, contribuindo assim para uma melhoria no meio em que vive. No caso da Escola Dominical, essa atuação é com princípios cristãos, não restringindo ao espaço de sala de aula, mas em um

---

<sup>40</sup> BARNAS, George. *O poder da visão*. São Paulo: Abba, 1993.

<sup>41</sup> GROOME, Thomas H. *Educação Religiosa Cristã – Compartilhando nosso caso e visão*. São Paulo: Paulinas, 1985.

<sup>42</sup> GROOME, 1985, p. 124-128.

estilo de vida cristã pautado no amor, como bem expôs o educador cristão Lawrence Richards:

A verdade divina deve ser revelada com realidade para que o crente se entregue cada vez mais a Deus para experimentar as realidades que a palavra apresenta. Verdade e exemplo sempre andam juntos. Palavra e encarnação são inseparáveis. Conceito e modelo humano são gêmeos essenciais, nunca podem ser separados. É por isso que a Educação cristã é serviço de pessoas para pessoa. Por esta razão quando elaboramos sistemas de educação cristã temos de fazer com que a Palavra seja explorada em um contexto de relacionamento, no qual a realidade visível das palavras de um relacionamento íntimo, onde verdade e amor nos libertem para nos conhecermos e revelarmos aos outros com sinceridade.<sup>43</sup>

Diante disso, percebe-se a responsabilidade atribuída à Escola Dominical e seus educadores para com a formação cristã dos/as alunos/as, perguntando: qual o real propósito da Escola Dominical? O seu ensino está formando e causando transformação nos/as alunos/as? Qual é o diagnóstico da atual situação da Escola Dominical na igreja Assembleia de Deus?

Quando pergunta os reais propósitos e metas da Escola Dominical, Groome apresenta sua meta da educação cristã, incluindo educadores/as e educandos/as, para que possam ter como ponto de partida. Sendo ela:

Sugiro que nosso metapropósito, como educadores religiosos cristãos, seja guiar as pessoas para o Reino de Deus e Jesus Cristo. Ofereço três argumentos em apoio desta sugestão. Primeiro, nas Escrituras hebraicas a visão do reino de Deus é colocada como a própria visão e intenção de Deus para todas as pessoas e a criação. Segundo, é essa sequência a tradição hebraica, e diante, que Jesus proclama sua Boa Nova. Jesus a quem os cristãos conhecem como Cristo, viveu sua vida e pregou o evangelho para o Reino de Deus. Tal era seu propósito. E deveria ser também o propósito daqueles que viessem educar em seu nome. Terceiro, embora se tenha abdicado ao tema do Reino de Deus, como tema central de pregação, na Igreja dos primeiros tempos, ele tornou-se novamente central na teologia contemporânea. Embora haja grande divergência de opiniões entre os estudiosos das Escrituras e os teólogos, hoje em dia, sobre o significado do Reino de Deus, existe também uma concordância básica em ser este o tema central dos evangelhos e em que o viver cristão deve fazer-se em resposta a esse Reino. A educação religiosa cristã tem a finalidade de promover uma tal resposta.<sup>44</sup>

Não se pode denominar “educador/a”, se não tiver o propósito de auxiliar na formação evangelizadora e comportamental do aluno/a. Para validar nossa argumentação, Flávia Maria Sant’Anna diz:

O ensino tem por objetivo provocar mudanças de comportamento e o professor age sobre os alunos procurando orientá-los. A criação de uma atmosfera favorável é condição para um bom trabalho docente. Por isso, o professor, em todo o momento, deve levar em consideração as reações dos alunos e procurar adaptar a esses aspectos a sua ação docente. Essa posição do professor no processo educativo

<sup>43</sup> RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1975, p. 36-37.

<sup>44</sup> GROOME, 1985, p. 64-65.

mostra que os meios nunca podem substituí-lo. Os recursos possuem caráter instrumental, só têm valor como auxiliares que completam e facilitam a ação docente, multiplicando as possibilidades de atuação. Os meios têm missão de facilitar o trabalho do professor e permitir a individualização do ensino, não robotizá-lo.<sup>45</sup>

Nesses cem anos das Assembleias de Deus no Brasil percebe-se a necessidade de manutenção e reafirmação doutrinária, uma preocupação maior com as questões sociais, um trabalho com seu pública para enfrentamento exitoso na ação frente as transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, de uma reconsideração dos elementos ideológicos, estranhos aos conteúdos escriturísticos, que muitas vezes é perceptível no interior da igreja e um preparo para o exercício da cidadania. É necessário o pensar e repensar continuamente, tendo como base toda a trajetória histórica da denominação. A fim de continuar servindo a sociedade, a Escola Dominical nos dias atuais necessita ter seus conteúdos devidamente contextualizados para que se mantenha a identidade sem, contudo, tornar irrelevantes. Tais responsabilidades recaem sobre o/a professor/a, juntamente com a liderança estrutural da instituição e da Escola Dominical, exigindo-lhes uma formação não só teológica, mas também intelectual crítica, para que possam assim fazer uma releitura diagnóstica da situação atual da Escola Dominical e das necessidades sociais existentes. A sociedade muda e consigo novas exigências surgem, exigindo daqueles que são formadores/as, ações e uma visão diferenciada, inovadora e atual no processo de ensino-aprendizado.

A Escola Dominical nasce na igreja, mas assume um papel social ao prolongar-se no dia a dia, no viver em sociedade, no convívio do lar, nas ações e reações do enfrentamento cotidiano de vitórias e dificuldades, externando o caráter cristão em meio a uma sociedade propícia à corrupção e aos devaneios doutrinários. Por tal razão, torna ainda mais necessário a solidificação de um conhecimento que se enraíze, no mais profundo do ser, tornando-o convicto de seus princípios cristãos e atingindo assim uma melhor formação humana.

Tratando da importância ainda da educação, é tomado por marco teórico no próximo capítulo, o maior dos educadores brasileiros, Paulo Reglus Neves Freire, defensor de uma educação transformadora e capaz de mudar a realidade social, que diferentemente de outros educadores tem seu próprio método, sua história, um trabalho sólido e impactante, que mudou a realidade de muitos e influenciou no processo educacional de vários países e em especial em todo o Brasil.

---

<sup>45</sup> SANT'ANNA, Flávia Maria e ENRICONE, Délcia et al. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11 Ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1993, p. 172.

## 2 PAULO FREIRE E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO PEDAGÓGICO BRASILEIRO

Esse capítulo tratará da influência da pedagogia freireana na educação brasileira e a expectativa de contribuição dessa pedagogia na Escola Dominical nas Assembleias de Deus, pois com a expansão das Assembleias de Deus de forma geográfica e numérica, surge a necessidade de estruturar a sua organização educacional, em especial a Escola Dominical, que sofre das debilidades educacionais comum em todo o país. Desde uma clientela oriunda de áreas sociais de risco, falta de acompanhamento e assistência familiar, falta de infraestrutura e de um método pedagógico eficaz, entre outros problemas.

Dentre todas as influências de pensamentos na América Latina, nasce no Brasil, em especial no Pernambuco em meados dos anos 60, um pensamento que mudou a vida, a visão e a prática educativa de muitos. Onde até então muitos pensavam as ideias, surge alguém pensando a própria vida, seu cotidiano e o meio em que vive, tendo como fonte as experiências, surpresas, alegrias, tristezas e emoções do dia-a-dia. Tendo como característica marcante a universalidade, irrompendo paradigmas sociais, intelectuais, físicos e geográficos que outrora eram barreiras, passam a ser parte de um contexto comum no viver diário e contribuintes na construção do processo de ensino-aprendizagem. Tendo assim uma visão do ser humano e do mundo, sem romper os seus elos e nem desprezar sua mútua influência, onde os seres humanos se relacionam na busca de sua completude, tendo conhecimento que é inconcluso, porém sabe que é capaz de crescer e ser sujeito da sua própria história, mesmo diante das mais duras adversidades que o circundam.

### 2.1 A pedagogia freireana

Paulo Reglus Neves Freire foi um pernambucano que em seus setenta e seis anos marcou a história educacional brasileira e latino-americana. O brasileiro mais homenageado em toda a história. Como patrono da educação deixa um legado riquíssimo, tornando um dos pensadores mais notáveis da pedagogia mundial. Com notoriedade principalmente pelo método de alfabetização de adultos e um pensamento assumidamente político, onde o objetivo maior da educação é conscientizar o/a aluno/a, propiciando a compreensão do seu desfavorecimento social ou marginalização, levando-o a entender as condições da opressão que os deixam à margem de, e em contrapartida gerando ações em favor da própria libertação e integrar-se. Freire afirma que,

Como marginalizados, ‘seres fora de’ ou ‘à margem de’, a solução para eles estaria em que fossem ‘integrados’, ‘incorporados’ à sociedade sadia de onde um dia ‘partiram’, renunciando, como trãsufugas, a uma vida feliz... Sua solução estaria em deixarem a condição de ser ‘seres fora de’ e assumirem a de ‘seres dentro de’. Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em ‘seres para outro’. Sua solução, pois, não está em ‘integrar-se’, em ‘incorporar-se’ a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si’.<sup>46</sup>

Com uma prática fundamentada em que o/a educando/a assimilaria o objeto de estudo por meio de uma dialética com a realidade, dando-lhe oportunidade de criar sua própria educação, trilhando seu próprio caminho rumo ao saber e o/a professor/a tendo uma ação em sala de aula que desenvolva a criticidade do/a aluno/a, utilizando para tal, suas próprias experiências e o meio em que vive. Freire vai na contramão ao ensino secular vigente, onde ensinar é transmitir saberes, pois ser professor/a era, numa visão estabelecida na época, possibilitar a aquisição de conhecimento, tendo assim um papel diretivo e informativo, isso sem renunciar a exercer autoridade. No novo método, anseia levar os/as alunos/as a conhecer conteúdos, mas não como verdade absoluta, considerando a sua capacidade crítica mediante os seus conhecimentos de mundo, o/a professor/a deve ser consciente, segundo Freire, que em sala de aula, os dois (educador/a e educando/a) aprenderão juntos, um com o outro, num relacionamento democrático, com possibilidade de se expressarem, fazendo de ambos criadores culturais, essa é a grande inovação da pedagogia freireana, afirmada por ele mesmo: “educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade”<sup>47</sup>. E reafirmado por Kimieciki quando afirma que: “o homem, o ser humano, enquanto ser de relações [...] tem, portanto, na sua capacidade de relacionar-se com o mundo, com os outros e consigo mesmo”.<sup>48</sup>

Para que o ser humano possa assumir uma posição de constante busca pela transformação é necessário ter uma atitude que ultrapasse a esfera da realidade, a conscientização. Sobre tal fato Paulo Freire afirma:

A conscientização é, neste sentido, um teste, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se ‘des-ve-la’ a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisa-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em ‘estar frente à realidade’ assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os

<sup>46</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 35.

<sup>47</sup> FREIRE, 1987, p. 40.

<sup>48</sup> KIMIECIKI, Domingos. Homem/ser humano. IN: REDIN, E.; STRECK, D.R.; ZITKOSKI, J.J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 210.

homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica; é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece.<sup>49</sup>

Segundo Freire, a conscientização, como postura e atitude crítica na história, nunca termina, sempre haverá uma ação de constante construção, provocando assim um desejo de mudança da condição de realidade e a cada realidade uma nova necessidade de transformação.

Porque se os homens, como seres humanos que atuam, continuam aderindo a um mundo ‘feito’, ver-se-ão submersos numa nova obscuridade. A conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil.<sup>50</sup>

A conscientização gera uma transformação do entendimento e da própria condição em que se vive, refletindo assim em todo o contexto social, o que pode ser entendido como uma prática libertadora. Paulo Freire afirma:

A conscientização leva o homem a assumir a utopia, onde esta possibilita que se façam as denúncias de injustiças e que se proponha alternativas humanizantes à sociedade. Por isso, a utopia é também um compromisso histórico. Ela é um ato de conhecimento crítico. [...] A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos.<sup>51</sup>

Todo o processo de liberdade anunciado por Freire se dá por meio da construção de um diálogo, no qual as pessoas vão construindo juntas o processo de conscientização de maneira crítica, partindo da tomada de consciência e de atitudes que possibilitem mudar a realidade. Paulo Freire afirmou: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”<sup>52</sup>. Educar não pode ser um ato impositivo, nem um ato isolado, muito menos o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que tantas vezes é levado a pensar que não possui nenhum. Pois de ambos os lados se ensina e aprende. De ambos os lados existem saberes e necessidades de aprendizagem, fundamentais ao crescimento humano, sendo esses saberes e necessidades comuns no processo educativo, seja de cunho intelectual autodidata, na educação cristã ou na Escola Dominical, pois todas têm os mesmo agentes (aluno/a e

<sup>49</sup> FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979, p. 26.

<sup>50</sup> Cf. FREIRE, 1979, p. 27.

<sup>51</sup> FREIRE, 1979, p. 28.

<sup>52</sup> FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993, p. 9.

professor/a), em busca da instrução ou mediar o processo de ensino-aprendizagem e aquisição de conhecimento, objetivando o crescimento humano em um todo.

Na pedagogia freireana o ponto de partida é a cultura local, uma fonte riquíssima no processo de ensino-aprendizado, por isso deve ser: investigada, pesquisada, levantada, descoberta, contrapondo com a educação herdada da colonização, que a partir de então exerce uma influência incontestável na história sociocultural desse subcontinente, até meados de 1960, onde o conhecimento é imposto, vindo pronto e de forma igualitária, desprezando as individualidades de cada grupo social e a realidade em que vivem.

Em meio a uma oposição cerrada, em resposta aos que se opunham às mudanças necessárias para consolidar a segunda independência destinada a construir sociedades mais justas e mais solidárias, surgem uma série de golpes de estado e uma política de violência permanente; atos horrorosos e destruição da vida democrática de uma boa parte dos países latino-americanos. Nesse período surgem movimentos populares, tendo em seu bojo intelectuais com pensamentos e ações inovadoras nos vários segmentos sociais, tais como Paulo Freire no meio educacional, que tem seu pensamento “internacionalizado, por meio da Igreja Católica Apostólica (e depois cristãs), promovida tanto por elites quanto pelos movimentos de base que se expandem na América Latina”<sup>53</sup>.

Há o reconhecimento de Freire numa reflexão sobre a relação educação e política, quando demonstra que a educação tem uma finalidade política frequentemente escondida ou simplesmente negada. Em tal pensamento, há injustiça quando a educação e as organizações civis educacionais em seus programas não propõem a milhões de crianças, jovens e adultos o acesso ao conhecimento universal, quando o faz de maneira precária, não com o objetivo de transformação social. Não é dado ao carente, ao que vive em situação de risco o direito à expressão, o direito de se posicionar, tornando assim uma sociedade injusta. Pois em “uma sociedade justa dá oportunidade às massas para que tenham opções e não a opção que a elite tem, mas a própria opção das massas. A consciência criadora e comunicativa é democrática”<sup>54</sup>.

Em um momento, em que as tensões estavam voltadas a oportunizar as camadas sociais desfavorecidas, o método Paulo Freire vem propor uma prática educacional baseada em princípios didáticos, metodológicos, psicológicos, linguísticos apropriados ao atendimento dos anseios dessa massa popular, que até então não tinha vez nem voz, o respeito às particularidades das culturas, das línguas e das realidades socioculturais, proporcionando uma

<sup>53</sup> FAGUNDES, Antônio. Paulo freire e sua influência na América Latina e na África. *Revista Diálogo Educação*, Curitiba, v.12, n. 36, p. 593-611, maio/ago. 2012.

<sup>54</sup> FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro. 12 Ed. Paz e Terra. 1979, p. 20.

libertação dos sistemas sociais opressores, assim como afirmou Weffort, no prefácio do livro *Educação como prática da liberdade*:

Uma pedagogia da liberdade pode ajudar uma política popular, pois a conscientização significa abertura à compreensão das estruturas sociais como modos de dominação e violência [...]. A experiência brasileira nos sugere algumas lições curiosas, às vezes até surpreendentes em política e educação popular. Foi-nos possível esboçar, através do trabalho de Freire, as bases de uma verdadeira pedagogia democrática. Foi-nos possível, além disso, começarmos, com o movimento de educação popular, uma prática educativa voltada de modo autêntico, para a libertação das classes populares.<sup>55</sup>

O método de Freire vem de encontro aos ideais não só brasileiros, mas latino-americanos, contribuindo para a mobilização, a organização, à difícil batalha pela representatividade e pela cidadania das camadas populares, tendo sua culminância nos anos 70 com a publicação da obra *Pedagogia do Oprimido*, onde segundo o autor, “começa a ver” a politicidade do ato educativo com maior nitidez, embora a educação ainda não seja explicitada em sua inteireza política, mas sim em seus aspectos políticos.

Para Freire a Pedagogia do oprimido é aquela:

que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação, em que esta pedagogia se fará e se refará.<sup>56</sup>

A pedagogia libertadora de Freire constitui-se em um dos instrumentos fundamentais no processo de conscientização e mudança da realidade: a compreensão da razão de ser de sua condição de oprimido. A compreensão crítica dos fatos, aliado à ideia de mudança, mesmo com todas as dificuldades, porém dentro das possibilidades, organizando e se engajando na luta para modificar tal condição, de forma coletiva. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”<sup>57</sup>.

Percebe-se mediante o decorrer das análises de revistas de Escola Dominical da Assembleia de Deus, para elaboração do presente trabalho, que a cada trimestre ao elaborar uma nova revista, é possível notar, principalmente nos comentários, uma visão mais aberta, inovadora e de autonomia tanto na mediação por parte do/a professor/a, quanto na liberdade por parte do/ educando/a, no seu posicionamento e questionamentos quanto ao tema estudado, propiciando o empoderamento pessoal focado por Freire a esse aluno/a. Porém deve ressaltar que ainda está muito longe do desejado e esperado na sociedade atual.

<sup>55</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 15-25.

<sup>56</sup> FREIRE, 1987, p. 32.

<sup>57</sup> FREIRE, 1987, p. 52.

No Brasil os ideais de Paulo Freire tomam corpo como processo de conscientização e se fizeram presentes na constituição do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, nas Comunidades Eclesiais de Base, Sindicatos, trabalhadores de forma geral, que tiveram seus direitos negados. A luta passa então, como denúncia da realidade perversa e o ideário, o anúncio de um novo projeto de sociedade. O ato de rebeldia contra a situação vigente, tão difundido por Freire, ganha força em toda a América Latina.

Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é o ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denuncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho.<sup>58</sup>

Em um passado bem recente percebe-se as políticas públicas sendo traçadas em todo o Brasil e na América Latina, sob as diretrizes da pedagogia freireana e seus ideais.

No ano 2000, em Dacar, reuniram-se governos de 164 países para avaliar os progressos realizados desde a Conferência Mundial de Educação para Todos, organizada pela UNESCO em Jomtien, no ano de 1990, quando assinaram um acordo para expandir significativamente as oportunidades educacionais para crianças, jovens e adultos, até 2015, reconhecendo que as desigualdades educacionais eram inaceitáveis.<sup>59</sup>

Hoje ainda lutam para erradicar a marginalização por meio da condição igualitária ao acesso à educação, conforme no Fórum de Dacar;

foram fixadas metas em torno de seis objetivos: ampliar e aperfeiçoar os cuidados e a educação para a primeira infância; assegurar que até 2005, todas as crianças tenham acesso ao ensino primário gratuito, obrigatório e de boa qualidade; assegurar que sejam atendidas as necessidades de aprendizagem de todos os jovens e adultos; alcançar até 2015, uma melhoria de 50% nos níveis de alfabetização de adultos; eliminar até 2005, as disparidades de gênero no ensino primário e secundário, educação e assegurar a excelência de todos, especialmente em alfabetização linguística e matemática e na capacitação essencial para a vida.<sup>60</sup>

Nos dias atuais são perceptíveis os objetivos estabelecidos por Freire em sua pedagogia, tal como sua recusa ao método histórico como determinante e a rejeição e inexorabilidade do amanhã. Requerendo assim do/a professor/a dedicação maior, a valorização dos sentimentos:

<sup>58</sup> FREIRE, 2000, p. 37.

<sup>59</sup> UNESCO. *Relatório de monitoramento global*. Brasília: UNESCO, CONSED. Ação Educativa. 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001592/159294por.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

<sup>60</sup> Cf. UNESCO, 2008, p. 11-17.

“no que tange às emoções, reafirmações a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação”<sup>61</sup>.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.<sup>62</sup>

Mediante tal citação é necessário compreender que “o homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma relação entre comunhão e busca”<sup>63</sup>.

Percebe que em nossos dias há maior consciência de que os/as alunos/as oriundos de áreas de risco social, são carentes de um crescimento intelectual que possa libertar de uma condição precária em que vivem e contribuir na mudança do meio, pois, “o homem não é, pois, um homem para adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais”<sup>64</sup>. Há cinquenta anos, Paulo Freire traz em suas obras o intento de construção de uma educação libertadora solidária, com propostas para a formação de uma sociedade (de um povo) mais preocupada com a valorização e o respeito às diferenças culturais, econômicas, políticas, social e religiosa. Entende-se que Paulo Freire acreditava em uma mudança na sociedade por meio da educação. Percebemos em sua afirmação: “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”<sup>65</sup>. A mudança se dá por meio da educação, ela trará consideráveis mudanças ainda nas múltiplas relações do homem ao longo de sua vida. Sendo assim,

A mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles.<sup>66</sup>

Paulo Freire foi um educador à frente do seu tempo, que desenvolveu uma pedagogia voltada para a população carente que vivia injustiçada, propondo uma educação libertadora que forme pessoas dentro de um contexto democrático, utilizando sua própria realidade como instrumento didático. Cidadãos conscientes, para que possam trilhar o caminho do desenvolvimento, mudando assim a realidade em que vivem.

<sup>61</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Parma, 2000. p. 13.

<sup>62</sup> FREIRE, 1979a, p. 15.

<sup>63</sup> FREIRE, 1979a, p. 14.

<sup>64</sup> FREIRE, 1979a, p. 16.

<sup>65</sup> FREIRE, 2000, p. 31.

<sup>66</sup> FREIRE, 1979a, p. 27.

Educação popular cuja posta em prática, em termos amplos, profundos e radicais, numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza é exatamente a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais.<sup>67</sup>

Em dias de degradação humana, é necessário resgatar valores outrora esquecidos, tais como: princípios familiares, respeito e valorização aos profissionais que contribuem para o crescimento do educando, respeito e valorização ao próximo e principalmente reconstruir as relações humanas pautadas no diálogo, no respeito, na tolerância, na solidariedade e na fraternidade, enfim, num relacionamento de amor.

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça.<sup>68</sup>

Mediante o exposto acima, entende-se que só haverá transformações positivas na sociedade, se cada homem e mulher forem conscientes e responsáveis por suas ações, sendo o seu único interesse, fazer do meio em que vive um lugar melhor de se viver. Paulo Freire deixa como legado maior, a compreensão de que os meios escravocratas sociais, só serão rompidos e os grilhões da ignorância quebrados, através de uma educação libertadora, através de uma consciência da realidade e do potencial humano adquirido através do empoderamento propiciado pelo conhecimento.

## 2.2 O público alvo da pedagogia de Paulo Freire

A pedagogia de Paulo Freire nasce em meio aos reflexos da crise da década de 30, com inspiração à sua infância pobre num bairro periférico da capital Pernambucana. Convivendo em meio às dificuldades financeiras e sem a presença paterna, faz do dia a dia uma escala constante para um amanhã melhor, forja um método que só viria eclodir 30 anos mais tarde. A formação em Direito pela Universidade de Recife não o profissionaliza na área do direito, torna então educador em uma escola periférica de Recife, em uma experiência inovadora com jovens e adultos. Experiência essa apropriada em um momento que o país trava uma batalha para erradicação do analfabetismo. O método tem sua primeira grande

<sup>67</sup> FREIRE, Paulo. *Política e educação*: Ensaios. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49.

<sup>68</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 75.

experiência de alfabetização “nas chamadas 40 horas de Angicos, realizada naquela cidade do Rio Grande do Norte, em 1963”<sup>69</sup>, porem já havia apresentado seus primeiros esboços do método, em um “Seminário Regional realizado no Recife-PE em 1958”<sup>70</sup>, Em Angicos Paulo Freire “coloca em prática usando palavras de situações costumeiras e até mesmo corriqueiras, e que trouxessem significado ao aprendizado, a partir da vivencia dos trabalhadores”<sup>71</sup>.

A prisão e o exílio de quinze anos, em dias de regime militar no Brasil, não o fizeram desistir do objetivo de dar voz e vez aos descamisados, aos iletrados e oprimidos, de onde outrora havia emergido, em um convívio na infância após o declínio financeiro da família. O método Paulo Freire quebra a hegemonia da educação bancária, pois não só o/a aluno/a aprenderia, mas o/a professor/a quando desenvolvesse um diálogo com seus educandos, dando vida assim a uma escola democrática e preparatória, não só para a decodificação, mas preparando o homem para a vida, como agente transformador. Para Paulo Freire,

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.<sup>72</sup>

Acreditando que era na escola que o ser humano adquiriria o passaporte para a dignidade, onde a transformação humana e social deveria acontecer, tendo o lápis e o livro como ferramentas para uma vida melhor, construindo assim um projeto educacional radicalmente democrático e libertador, tendo como militância os objetivos educacionais, sociais e políticos, lutando para superação da opressão e desigualdade, entendendo que um dos fatores determinantes para isso é a aquisição de conhecimento, gerando assim o desenvolvimento da consciência crítica. Diante disso Romão afirma que:

Para Paulo Freire, não existe a educação, mas educações, ou seja, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser. Basicamente, as várias ‘educações’ se resumem a duas: uma, que ele chamou de bancária, que torna as pessoas menos humanas, porque alienadas, dominadas e oprimidas; a outra libertadora, que faz com que elas deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres e mais humanas. A primeira é formulada e implementada pelos(as) que têm projeto de dominação de outrem; a segunda deve ser desenvolvida pelos(as) que querem a libertação de toda a humanidade.<sup>73</sup>

<sup>69</sup> CARVALHO, Vicente Vitoriano M. *As imagens no método Paulo Freire na experiência de Angicos (RN) - 1963*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista Educação em Questão, v.21, n.7, p. 98-115, 2004.

<sup>70</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005, p. 53.

<sup>71</sup> BRANDÃO, 2005, p. 53-54.

<sup>72</sup> FREIRE, 1997a, p. 46.

<sup>73</sup> ROMÃO, 2010, p. 133.

Uma das grandezas do método freireano é a aproximação da metodologia utilizada pelos educadores com a realidade do/a aluno/a, como já demonstrado acima, aumentando o interesse dos educandos e diminuindo drasticamente a evasão escolar, que tem sido o grande vilão para o retrocesso social, como afirma Connel:

Fracasso da expansão educacional do pós-guerra e do acesso formalmente igualitário para oferecer uma igualdade efetiva. A educação foi trazida para o contexto da assistência social através da correlação entre níveis mais baixos de educação, de um lado, e índice de desemprego mais altos e salários baixos, de outro surgiu a idéia de um ciclo de pobreza auto alimentada, no qual baixas aspirações e carências no cuidado com a criança levavam a um baixo rendimento na escola, que por sua vez levava ao fracasso no mercado de trabalho e à pobreza na próxima geração. A educação compensatória, foi vista, então, como um meio de romper este ciclo e de interromper a herança da pobreza.<sup>74</sup>

Mediante o desejo de combater essa erradicação e suprir a defasagem de aprendizagem, Paulo Freire desenvolve segundo Scocuglia suas principais ações:

Movimento de Cultura Popular (MCP) em Recife; Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife (SEC) – equipe interdisciplinar trabalha a fundamentação do ‘sistema’ proposto por Freire, também em Recife; Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) primeiro em João Pessoa e depois no estado; União Estadual dos Estudantes de Pernambuco e Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Recife (financiado pelo MEC), em Recife; Campanha ‘De pé no chão também se aprende a ler’ (financiada pela Prefeitura de Natal), em Natal (RN); em Angicos (financiada pela Aliança para o Progresso, pelo convênio USAID/SUDENE) e em Osasco (SP).<sup>75</sup>

Um dos resultados da utilização prática da empregabilidade do método Paulo Freire, foi registrado por Scocuglia em sua obra:

A partir de agosto de 1963, a CEPLAR (Campanha de Educação Popular da Paraíba) além de consolidar-se em Campina Grande, se expandiu na direção das cidades, vilas, sítios e povoados marcados por intensos conflitos entre as Ligas Camponesas e os proprietários rurais paraibanos. No final de 1963, início de 1964, a CEPLAR trabalhava com 135 ‘círculos de cultura’ e, aproximadamente, 4.000 alfabetizando.<sup>76</sup>

Em meio a um Brasil em fase de mudanças, impulsionado pelo modelo do nacional-desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek (1955-1960) que tinha como slogan “cinquenta anos em cinco”, mostrando a necessidade de busca de um crescimento acelerado e seguido pelo nacionalismo popular de João Goulart (1961-1964), numa corrida em busca de um rápido

<sup>74</sup> CONNEL, R. W. Pobreza e Educação. In: GENTILI, P. (Org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Trad: Vania Paganini Thurler; Tomaz Tadeu da Silva. 7 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000, (Coleção Estudos Culturais em Educação) p. 15.

<sup>75</sup> SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. Universitária, João Pessoa. Ed. Universitária. 1997.

<sup>76</sup> SCOCUGLIA, 1998, p. 29.

crescimento econômico, levando à elaboração e execução de projetos de desenvolvimento econômico-social, em especial de projetos de erradicação do analfabetismo adulto no Brasil, o método de Freire ganha espaço e credibilidade, pois vai de encontro à política da época “ao se basear na industrialização desencadeada em 1930”<sup>77</sup>. O Nordeste torna seu maior laboratório, devido “aos propósitos políticos gerais da campanha eleitora levada a cabo por Aluísio Alves, e também de sua administração, uma discussão que analisa seu ideário social-desenvolvimentista”<sup>78</sup>.

A esse respeito Silvia Maria Manfredi escreve:

O sistema proposto pelo educador Paulo Freire, por suas características, permitia a alfabetização em tempo recorde e, principalmente, possibilitava a discussão crítica dos problemas sociais, políticos e econômicos vividos pelos alfabetizandos, satisfazendo simultaneamente às expectativas das organizações estudantis, sindicais e religiosas e líderes políticos. Para os primeiros configurou-se como instrumento de aproximação com as classes trabalhadoras, fossem suas pretensões reformistas ou revolucionárias. Para os segundos, taticamente interessados em ampliar o contingente de eleitores, constituiu-se num método que garantia a alfabetização a curto prazo de um número de adultos iletrados, aparecendo como um investimento altamente compensador, já que a manutenção no poder de tais líderes dependia do apoio popular. Esse fato justificaria o total apoio financeiro e institucional concedido por alguns destes líderes, durante o governo de Goulart, aos grupos que vinham atuando em campanhas de alfabetização, mesmo que não houvesse uma convergência de interesses políticos.<sup>79</sup>

A experiência é implantada em sua fase prática no sertão Pernambucano, Angicos, região validada por todos os malefícios supracitados, tornando posteriormente a ser conhecido em todo o território nacional como as 40 horas de Angicos, sobre tal fato escreve Beisiegel:

Em meados de 1962, o ‘método Paulo Freire de Alfabetização’ entrava em sua fase operacional. Concluídas com êxito as experiências iniciadas no ano anterior, no Movimento de Cultura Popular do Recife, os trabalhos já se estendiam a João Pessoa, no Estado da Paraíba, e despertavam expectativas em outras regiões do país. Uma campanha que vinha sendo realizada pela prefeitura do município de Natal, no Rio Grande do Norte, inicia a instalação de seus primeiros ‘círculos de cultura’. Em seguida, em outubro de 1962, o educador Paulo Freire é procurado por representantes, do governo do Rio Grande do Norte e passa a assessorar a organização de uma experiência num município do interior agreste do Estado. Conduzida sob a cobertura de um notável empreendimento publicitário e contando em seu encerramento, com a presença do próprio presidente da república, a ‘experiência de Angicos’ contribuiu decisivamente na divulgação nacional do novo método.<sup>80</sup>

<sup>77</sup> PEREIRA, Luiz Carlos Bresser; RÊGO, José Márcio. Um mestre da economia brasileira: Ignácio Rangel. *Revista Economia Política*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 15, 1993.

<sup>78</sup> CARVALHO, 2004, p. 99.

<sup>79</sup> MANFREDI, Sílvia Maria. *Política: educação popular*. São Paulo: Símbolo. 1978. p. 158.

<sup>80</sup> BEISIEGEL, Celso de Rui. *Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos*. São Paulo: Pioneira, 1974, p. 169.

O método é elaborado sob alguns princípios, com objetivo maior de socialização, tendo como primeiro princípio a politicidade do ato educativo, visto como uma contínua construção e reconstrução de significados de uma dada realidade, prevendo a ação do homem sobre essa realidade. O método Paulo Freire trabalha de forma inovadora com a associação dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita no processo de politização e socialização, no desvelamento da realidade, como afirma Freire: “a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade”<sup>81</sup>, afirma ainda que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”<sup>82</sup>. Nesse contexto o/a educando/a é desafiado a refletir sobre seu papel social, a repensar a sua história, suas ações e seu modo de vida, pois “quanto melhor a educação trabalhar os indivíduos, quanto melhor fizer seu coração um coração sadio, amoroso, tanto mais o indivíduo, cheio de boniteza, fará o mundo feio virar bonito”<sup>83</sup>.

Em um contexto de exclusão e desigualdade social, trabalhando com jovens e adultos em defasagem de faixa etária, vivendo em ambiente de risco, o educador deveria ter uma metodologia de caráter eminentemente político pedagógico, como observou Francisco Weffort;

O educador sabia que sua tarefa continha implicações políticas, e que estas implicações interessavam ao povo e não às elites. Mas sabia também que seu campo era a pedagogia e não a política [...]. Uma pedagogia da liberdade podia ajudar uma política popular, pois a conscientização significava uma abertura à compreensão das estruturas sociais como modos de dominação e de violência. Mas cabia aos políticos, não ao educador, a tarefa de orientar essa tomada de consciência numa direção especificamente política.<sup>84</sup>

Paulo Freire em uma entrevista à TV PUC, poucos dias antes de sua morte afirmou a respeito do seu público alvo o seguinte:

Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues do Recife, aos córregos do Recife, aos morros de Recife, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com as camponesas, com os favelados; eu confesso sem nenhuma ‘churumingas’, eu confesso que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo de quem eu era mais ou menos camarada. Mas o que acontece é que quando eu chego lá, a realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação de seu ser como gente, a tendência àquela adaptação de que a gente falou antes, aquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx...<sup>85</sup>

<sup>81</sup> FREIRE, 1987, p. 40.

<sup>82</sup> FREIRE, 1996, p. 61.

<sup>83</sup> FREIRE, 2001, p. 19.

<sup>84</sup> WEFFORT, Francisco. In: BEISIEGEL, Celso de Rui. *Estado e educação popular: um estudo sobre educação de adultos*. São Paulo: Pioneira, 1974, p. 167.

<sup>85</sup> FEITOSA Sonia Couto Souza. *Método Paulo Freire: Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de educação*. Universidade São Paulo, Faculdade de Educação, 1999.

Paulo Freire conhecia muito bem a realidade da sociedade brasileira em seus dois polos (pois sua família teve a oportunidade de pertencer a ambos), e no decorrer de sua caminhada como educador, tem a oportunidade de trabalhar em muitos lugares do Brasil.

Ainda sem poder dissociar o nome Paulo Freire e o seu método, do processo de alfabetização, o método Paulo Freire não se resume ao fato de decodificar, vai além, adentra no processo de socialização do indivíduo, do resgate da autonomia do ser humano, trabalhando a partir da realidade do cidadão, conforme aponta Celso Rui Beisiegel, nas palavras do próprio Freire:

Há uma imprecisão que é preciso apontar. Nessa época (no Brasil), como hoje, eu não estava exclusivamente preocupado com a alfabetização. Eu não sou, como muita gente pensa, um especialista na alfabetização de adultos. Desde o início de meus trabalhos eu procurava alguma coisa além do que um método mecânico que permitisse ensinar rapidamente a escrita e a leitura. É certo que o método devia possibilitar ao analfabeto aprender os mecanismos de sua própria língua. Mas, simultaneamente, esse método devia lhe possibilitar a compreensão de seu papel no mundo e de sua inserção na história.<sup>86</sup>

Paulo Freire dedica sua vida e seu método à classe oprimida pelas políticas dominantes, sob o cetro do poder esmagam o ser sugando sua dignidade Freire produz e investe todos os seus esforços físicos, literários e intelectuais a desenvolver e difundir um método que mude essa realidade. Isabel Hernández faz alusão a tal fato, quando escreve para homenagear os vinte anos do livro *Pedagogia do Oprimido*, declarando:

Ano de 1970. Começava uma década de esperança e de infortúnio. Muitos educadores latino-americanos já conheciam Paulo Freire, ou algum integrante de sua equipe. Na Argentina e no Chile sabíamos de sua prática que, como ele mesmo dizia, não era ‘apenas pedagógica, mas sim pedagógica-política’. Paulo nos propunha um diálogo, a todos nós que sentíamos um compromisso cabal com o ato de ensinar e de aprender, um diálogo aberto e crítico para aqueles de nós que escolhíamos o risco de viver pelas razões dos dominados. Enquanto Paulo falava dos ‘oprimidos’, seus críticos, fechados dentro de um esquema sem dialética nem história, admitiam apenas a existência de dois grandes agentes sociais e, portanto, acusavam-no de imprecisão conceitual. Duas décadas depois, outra leitura da realidade iria dar razão a Freire e, agora, sabemos que o futuro não existe sem a convocação desse conglomerado múltiplo de interesses diversos, que hoje denominamos ‘setores populares’ e que Paulo chamava de ‘os oprimidos da América Latina’.<sup>87</sup>

Devem ser ressaltados os anos que Paulo Freire passou no exílio, sendo esses no Chile, Estados Unidos e Suíça. No Chile com realidade bem próxima a do Brasil, escreve sua mais importante obra “*Pedagogia do Oprimido*”, onde se dedicou à educação de camponeses

<sup>86</sup> BEISEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular*. 2 Ed. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>87</sup> HERNÁNDEZ, Isabel. *20 anos: Pedagogia do Oprimido – Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s.d. p.5.

adultos, surge o conceito de “invasão cultural”, pois essa contradição nada mais era do que a aplicação do modelo norte-americano que servia como instrumento de manutenção da dominação política e econômica. Paulo Freire defendia uma pedagogia entre o novo conhecimento com o contexto do aprendiz, surgindo assim a necessidade da consonância entre classes sociais, promovendo uma comunicação dialógica, enfatizando os princípios e fundamentos de uma educação que promovesse a prática libertária, trabalhando na mudança social e política de um povo que sofria com desigualdades pujantes, provocadas por uma educação bancária, o que Freire diz ser “um enorme desperdício de potencial humano[...] vítimas e produtos de uma mesma situação nacional”<sup>88</sup>.

Percebe-se que na luta em prol deste público excluído, Paulo Freire tenta promover libertação de um sistema escravocrata sem correntes físicas, mas aprisionados pela submissão a uma classe opressora. A ação libertária se solidifica por meio da aquisição do conhecimento e transformação social, não meramente em discurso vazio. De acordo com Freire,

Não devemos estar preocupados com o simples deslocamento do poder de um grupo para outro. É necessário compreender que, ao tomar o poder, é preciso transformá-lo. Essa recriação e reinvenção do poder passa necessariamente pela reinvenção do ato produtivo. E a reinvenção do ato produtivo tem lugar na medida em que o discurso do povo se legitima dos desejos, decisões e sonhos das pessoas, e não meramente de palavras vazias.<sup>89</sup>

A esse respeito José Pedro Boufleuer vai dizer:

Com base na situação concreta de opressão Dussel e Freire realizam, por um lado, a denúncia da alienação desumanizadora e, por outro, o anúncio da liberdade e dignidade do homem. Ambos os autores destacam a importância do papel do próprio oprimido na luta libertária. Exigem, para isso, que as lideranças revolucionárias e os mestres da educação assumam uma postura confiante e dialógica em relação ao povo e aos educandos. Dessa forma, a relação pedagógica torna-se a dialética da recíproca fecundação entre educador e educando.<sup>90</sup>

Freire, em todo o seu trabalho tem como objetivo quebrar o jugo imposto pelas classes dominantes sobre os oprimidos, tirando-os do anonimato opressor e os reposicionando como cidadãos críticos e participativos, suprimindo a deficiência da desigualdade, os projetando no mesmo patamar de oportunidades que um regime democrático assegura. Freire simplesmente tem por objetivo o fiel cumprimento da democracia de forma igualitária às classes sociais. Entende que a ação-reflexão dá-lhes a condição não só de uma mera decodificação dos códigos linguísticos, fazer uso social e político desse conhecimento na vida

<sup>88</sup> FREIRE, Paulo. *Educadores de rua: Uma abordagem crítica. Alternativas de entendimento aos meninos de rua*. Bogotá, Colombia: Gente Nueva, 1989, p. 11.

<sup>89</sup> FREIRE, 1990, p. 36.

<sup>90</sup> BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia latino americana: Freire e Dussel*. Ijuí/RS: Unijuí. 1991, p. 130.

cotidiana, dando-lhes voz e oportunidades iguais, superando a contradição opressor-oprimidos, como afirma Freire: “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”<sup>91</sup>.

Diante do exposto, percebe que a prática educativa deve consistir na construção crítica e política, na contextualização de intervenção social. O/A educando/a precisa estar ciente das peculiaridades socioculturais, políticas e econômicas de sua sociedade, convicto de que sua intervenção social precisa ter sempre um vetor de transformação dos vínculos que fazem desta sociedade antidemocrática. Uma sociedade alienada não tem consciência de sua própria existência. Encerrando com uma reflexão de Freire, para que possa repensar a prática profissional e o exercício social. Freire afirma: “o ser alienado não olha para a realidade como critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva”<sup>92</sup>.

### 2.3 A contribuição da pedagogia de Paulo Freire para a construção de práticas educativas inovadoras

A educação, desde os primórdios do Brasil Império nasce objetivada a um público específico, para perpetuação do conhecimento a uma pequena parcela da sociedade, acreditando que os demais não precisam de educação formal e muito menos de uma educação com qualidade. Os anos 60 iniciam sob o comando político de Juscelino Kubitschek, a economia melhorando, “o PIB crescendo 7% ao ano”<sup>93</sup>, porém o cenário educacional em muito pouco havia mudado, ainda preparava a classe média para uma posição intermediária entre os mais pobres e a elite nacional, pois ocupavam posições de chefia ou um status superior em fábricas, escritórios ou instituições públicas, comprovando tais objetivos a meta inicial da educação, nas diretrizes de governo de JK, dizia pretender “intensificar a formação de pessoal técnico e orientar a educação para o desenvolvimento”<sup>94</sup>.

Num clima propício a mudanças, devido à revolução industrial estar adentrando o país, havia a necessidade de capacitar uma nova clientela para atendimento às fabricas, foi necessário expandir e construir novos prédios escolares, novas metodologias e abordagens

<sup>91</sup> FREIRE, 1987, p. 21.

<sup>92</sup> FREIRE, 1979a, p 35.

<sup>93</sup> MACEDO, Roberto Brás Matos. Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social (1963-1965). In: LAFER, Betty Mindlin (Org.). *Planejamento no Brasil*. 4 Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984, p. 53.

<sup>94</sup> LAFER, Celso. O Planejamento no Brasil: Observações sobre o Plano de Metas (1956-1961). In: LAFER, Betty Mindlin (Org.). *Planejamento no Brasil*. 4 Ed. São Paulo: Perspectiva, 1984, p. 48.

pedagógicas inovadoras, começaram a serem divulgadas e implementadas nas escolas da rede estadual. Nesse período o Estado cria o serviço de Ensino Vocacional, os ginásios pluricurriculares, polivalentes e escolas técnicas estaduais, com o objetivo único de atender um mercado de trabalho que necessitava de uma mão de obra melhor qualificada. O ensino começava a se distanciar da linha cartesiana que ostentava bandeiras com lemas da elitizada escola da disciplina, austeridade, honra e excelência. A escola, contudo, respondia favoravelmente, à sua clientela seleta, oriunda de classes abastadas, dominantes, aspirantes ao ingresso nas universidades. O advento da era industrial, gerando um grande contingente populacional urbano, pedia mudanças estruturais na sua conceituação. A racionalização do processo do desenvolvimento teria que apresentar como contrapartida, uma necessidade de adequação do sistema educacional.

A formação de mão de obra qualificada para a indústria passa a definir toda a preocupação desenvolvimentista com a política educacional. Sua base é a educação voltada para o trabalho, tendo no mercado de trabalho o seu ponto básico de referência. A pretensão é torná-la técnica, especializada na medida do esforço técnico necessário para o tipo de desenvolvimento que se busca. Isto é, trata-se de uma educação que tem por finalidade adequar as novas gerações ao projeto de desenvolvimento em curso, com ela completando os elementos constitutivos do seu suporte na estrutura social.<sup>95</sup>

Nesse contexto nacional inovador, entendeu-se como fundamental, olhar para dentro do/a aluno/a, valorizar suas aspirações, o seu modo peculiar de ser. A pedagogia se aparelhava da psicologia, despontava a holística do homem, onde o/a aluno/a passava a ser visto no seu todo, compreendido e ajudado nos aspectos cognitivos, afetivo e psicomotores, tendo como lema frases como “educar é libertar”, “só é mestre quem sabe aprender”[...] “No sistema educacional brasileiro surgiu o primeiro Plano Nacional de Educação em 1962, elaborado já na vigência da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4.024/61 de 20 de dezembro de 1961, pelo Conselho Federal de Educação”<sup>96</sup>.

Nesses dias, havia uma conjuntura sociopolítica, conhecê-la ajudará a perceber os conflitos de então:

Em síntese, a ‘política de massas’ oportunizou a emergência das camadas populares, isto é, possibilitou que elas avançassem em suas reivindicações e em sua organização como classe. O nível crescente dessas reivindicações e a possibilidade de seu atendimento pelo sistema produtivo e pelos poderes públicos deixavam cada vez mais claros os limites do populismo. Em consequência, de um lado, as pressões populares caminhavam no sentido de questionar a própria estrutura da sociedade

<sup>95</sup> CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 429.

<sup>96</sup> SANTOS, Clóvis Roberto dos. *Educação Escolar Brasileira: Estrutura, Administração e Legislação*. São Paulo: Pioneira, 2003, p. 69.

(passando a exigir, por exemplo, a Reforma Agrária) e o papel do Estado (por isto a importância do voto, no período). Por outro, a classe dominante, cada vez mais apoiada pelas camadas médias da população, amedrontada pelo espectro do comunismo [...], preparava o golpe de março de 1964.<sup>97</sup>

Nesse contexto de mudanças, onde há uma necessidade de dar continuidade aos programas de erradicação dos altos índices de analfabetismo, surge Paulo Freire, com um método inovador que atenderia a necessidade supracitada, pois amealhava a defasagem de idade, a necessidade de progressão social. Tendo como experiência a alfabetização de jovens e adultos no Rio Grande do Norte onde alfabetizou 300 adultos, ensinando-os a ler e a escrever em 45 dias, como citado. Trazendo a esse público não só a decodificação e compreensão do sistema gráfico, mas sim, dignidade e liberdade, passando a ter vez e voz num sistema social político opressor, nasce um método baseado no diálogo entre educador/a e educando, usando sua própria realidade. A esse respeito Brandão afirma:

Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da ideia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu método e o material da fala dele.<sup>98</sup>

O próprio Paulo Freire alude em seu discurso na solenidade em Angicos, a despeito da formação política libertadora do educando:

Concluindo, eu apenas gostaria de citar duas coisas aqui de Angicos. É que quando os homens começam a criar palavras, eles criam palavras que não são apenas vocábulos, mas que são conceitos; ora são conceitos do seu universo, não são do nosso. Eles chamam a estas palavras que não existem e que eles criaram e depois descobrem que não tem uma existência funcional, eles chamam de palavras de pensamento. No que há, aliás, uma coisa até certo sentido poético e daí em diante, Senhor Presidente, apenas onze situações sociológicas foram necessárias para nós deixarmos estes 300 homens de Angicos, não apenas podendo fazer uma carta a V. Excia., mas sobretudo podendo dizer conscientemente que de hoje em diante estes homens vão votar não nos homens que lhes peçam um voto; vão votar não nos padrinhos, vão votar não nos políticos que somente porque sejam políticos se apoderam do seu destino; vão votar não somente nos coronéis ou porque coronéis, mas vão votar precisamente na medida em que estes candidatos revelem uma possibilidade de realmente servir ao povo e servir a eles mesmos.<sup>99</sup>

Tratando da ação libertadora do seu método, em uma entrevista à Nilcéa Lemos Pelandré, em 14/04/1993, Paulo freire afirma:

<sup>97</sup> Cf. FAVERO, Osmar. *A educação nas constituições brasileiras (1823-1988)*. Campinas: Autores Associados, 1996, p. 11.

<sup>98</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 21.

<sup>99</sup> FREIRE, Paulo. *Discurso do professor Paulo Freire, em Angicos, ao encerramento do curso de alfabetização de adultos*. Angicos, RN: IFP, 2 abr. 1963. p.8. Mimeografado. (Biblioteca IPF/SP).

Eu prefiro dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer e continuo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro do qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é método de conhecer e não um método de ensinar.<sup>100</sup>

A inovação ou o aperfeiçoamento surge de uma necessidade, como descrito acima, para atender as exigências do mercado emergente, nascem novos métodos e ações diferentes no campo educacional. O pensamento freireano tem servido de base e sustentabilidade para projetos educacionais atuais. Sendo Paulo Freire gestor de uma pedagogia libertadora que tem uma dimensão antropológica e histórica em sua época, hoje, vai de encontro inúmeros anseios da convivência humana hoje, oferecendo sustentação filosófico-antropológica a projeto de mudança que pretendam humanizar as relações sociais, numa sociedade embrutecida, insensível e egocêntrica.

Paulo Freire publica um livro intitulado “*Educação como Prática da Liberdade*”<sup>101</sup>, procurando fundamentar sua proposta educativa com uma reflexão pedagógica centrada no problema cultural, destacando os desafios no contexto histórico-social em que foram desenvolvidas estas experiências, demonstrando linhas indicativas de sua proposta para uma educação libertadora. Como método psicossocial, leva o oprimido a reconhecer como tal e em contrapartida o conduz a assumir uma postura crítica diante dessa realidade. Reposicionando através de uma tomada de consciência, superando assim a condição de objeto e assumindo um posicionamento novo de sujeito ativo. A esse respeito Jorge escreve:

Freire propunha com seu método, tirar o homem da condição de ‘objeto’ ou em condições de ser ‘menor’, fato que o coisificava colocando-o no anonimato nivelador da massificação, inconsciente, alienado e marginalizado em relação às exigências e aos desafios da realidade. Vivia sem fé, sem esperança, domesticado e acomodado: já não era sujeito.<sup>102</sup>

No processo de libertação político social do método freireano, afirma-se através do diálogo a forma de superar a dominação, criando assim uma comunicação isenta de manipulação. Paulo Freire ao publicar seu livro *Pedagogia do Oprimido*, marca uma nova fase da educação, onde “defendia a ideia de que não se pode aprender, se o novo conhecimento é contraditório com o contexto do aprendiz, daí a necessidade da interação [...] promovendo

<sup>100</sup> PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. *Efeitos a longo prazo do método de alfabetização de Paulo Freire*. Dissertação de Doutorado. Florianópolis. 1998, p. 298.

<sup>101</sup> FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>102</sup> JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola. 1981, p. 25.

uma comunicação dialógica”<sup>103</sup>, tornando a mesma como arma fundamental na luta de classes para transformação social.

Deve ressaltar a importância não só do diálogo na prática libertadora, mas do contato direto com o cotidiano do/a educando/a, com o meio em que vive, com cada minúcia da vivência diária, criando assim conhecimento e através desta autossuficiência para resolver os problemas diários. O próprio Freire afirma:

Uma de minhas tarefas centrais como educador progressista é apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada seja mantida e, assim estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica. Que me seja perdoada a reiteração, mas é preciso enfatizar, mais uma vez: ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instiga-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido.<sup>104</sup>

O método Paulo Freire, apesar da sua criação nos anos 60, vem contribuindo na construção da estrutura educacional do Brasil ainda na atualidade, no tocante à politicidade da prática educativa, na relação dialógica entre educador/a e educando/a, na importância dos conhecimentos prévios trazidos pelo educando. Os problemas vividos por Freire não se extinguiram, a silabação ainda é uma prática limitadora, porém os/as educadores/as não podem perder de vista os princípios conscientizadores, emancipadores, libertadores presentes no método Paulo Freire. Citando a educadora Maria José Vale:

Repetir o método de 60 seria cristalizar o seu autor no passado, mitificando-o, e deixando de considerar todo o conhecimento como um processo historicamente marcado. Segundo ela os estudiosos da alfabetização têm hoje duas tarefas fundamentais: a primeira é resgatar a atualidade do chamado Método Paulo Freire de Alfabetização, incluindo o conceito de ‘Tema Gerador’, problematizando a realidade no cotidiano da sala de aula, ao invés de reduzir o pensamento freireano a uma declaração de princípios educacionais esquecidos nos documentos das instituições escolares. A segunda tarefa, é a de repensar a proposta político-pedagógica para a alfabetização de modo a realizar a síntese dialética entre Paulo Freire e os autores da Linguística e da Psicogenética da linguagem, como Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro, buscando a construção de princípios e subsídios didáticos-pedagógicos coerentes, epistemologicamente compatíveis e complementares.<sup>105</sup>

Quando ainda Secretário da Educação do Município de São Paulo, Paulo Freire cria o Programa MOVA-SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), tendo por finalidade garantir os direitos humanos à educação, a redução do analfabetismo no Brasil, a

<sup>103</sup> FEITOSA, 1999, p. 22.

<sup>104</sup> FREIRE, 1997, p. 134-135.

<sup>105</sup> VALE, Maria José. *O Social Construtivismo: Princípios Fundamentais*. São Paulo: IPF. 1998. p. 5. (mimeo).

geração de trabalho e renda e, contribuindo para erradicação do analfabetismo no estado de São Paulo.

Hoje há uma presença em todo Brasil do método freireano e sua contribuição para liberdade do educando no processo educacional, em programas pulverizados maciçamente em todo o território nacional, o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em todo o Brasil são criados fóruns, seminários e grupos de discussão sobre a EJA. Sabemos que todas as iniciativas buscam dar resposta ao problema do analfabetismo, através de um amplo movimento de alfabetização que promova uma educação realmente cidadã. Muitos municípios e estados da federação brasileira tem desenvolvido programas semelhantes ao EJA, com alíneas e paradigmas de educação popular, envolvendo a comunidade, investindo na formação inicial e continuada se seus educadores, reafirmando assim a presença da pedagogia freireana, através da recriação de suas ideias, tais como os programas:

- Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), lançado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2.001, tendo como objetivo reparar a formação precária dos professores/as alfabetizadores e suprir a escassez de materiais pedagógicos e de referencial teórico.

- Pró-Letramento, foi lançado em 2006 pelo MEC como parte integrante da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores/as que existe desde de 2.004. É um programa de formação continuada docente para as séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), tendo seu foco em leitura, escrita e matemática, sendo esse semipresencial.

- Pnaic, lançado em 2.012, o Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa, procura unir municípios, estados e união em torno da meta de alfabetizar todas as crianças até os 8 anos de idade, ao fim do 3º ano do Ensino Fundamental.

- Programa Brasil Alfabetizado, lançado em 2.003 pelo governo federal, seu foco é a Educação de Jovens e Adultos (EJA) – população acima dos 15 anos. Com prioridade especialmente na região Nordeste em cidades com alto índice de analfabetismo.

- Projovem Urbano – Tem por meta a elevação da escolaridade da população entre 18 e 29 anos que já sabe ler e escrever, mas não concluiu o ensino fundamental na idade correta. O programa oferece Educação de Jovens e Adultos integrados à qualificação profissional e cursos sobre ações comunitárias. A duração da formação é de 18 meses e a bolsa mensal é de R\$ 100,00 para o participante.<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/33360/conheca-os-programas-federais-voltados-para-a-alfabetizacao/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

Paulo Freire ainda vive de forma bem presente em seus ideais, personificado em uma metodologia eficaz e atual em dias de tecnologia avançada. Mesmo mediante as evoluções pedagógicas é de fundamental notoriedade o reconhecimento de sua influência, a contribuição libertária na educação brasileira. Enquanto houver desigualdade, opressão e repressores, enquanto os oprimidos estiverem amordaçados pela ignorância ou pela falta de oportunidades de aquisição do conhecimento. Enquanto houver essa divisão de classe tão forte, enquanto houver dominados e dominadores, pobres e ricos devido à falta de oportunidades sociais, o método Paulo Freire estará vivo e pujante.

Diante de toda exposição supracitada, o próximo capítulo trará sugestões para que possa haver uma reestruturação da educação cristã nas Escolas Dominicais das Assembleias de Deus no Ministério de Teófilo Otoni e em especial na igreja em Padre Paraíso. Essa reestruturação terá como modelo a educação formal, onde será sugerida a utilização de aspectos positivos da pedagogia freireana na formação de educadores/as.



### 3 PROPOSTA DE REESTRUTURAÇÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS

No presente capítulo, será tratado a respeito de uma proposta pedagógica de reestruturação, pois sabemos que a Escola Dominical já traz uma estrutura de educação cristã, mediante as análises bibliográficas realizadas, tendo como marco teórico a pedagogia freireana, pois se percebe que o caráter educacional tanto na escola secular quanto na cristã não formal, como é a Escola Dominical nas Assembleias de Deus, são semelhantes. Têm em comum o objetivo educacional, com o propósito de melhorar o ser humano e o meio em que vive, considerando que a educação é o instrumento primordial na transformação da vida social do/a aluno/a.

Em um contexto de educação cristã, onde a Escola Dominical é o principal instrumento, e para que a mesma tenha êxito, é necessário uma reestruturação, tendo como base a estrutura de um sistema de educação formal, nos padrões da educação secular, pautados como anteriormente proposto através da visão freireana, tendo acima de tudo uma atenção especial na formação dos seus educadores/as, pois serão responsáveis na condução do processo de formação dos/as alunos/as, o que lhes atribuirá uma grande responsabilidade.

Gadotti expressa muito bem o papel social do/as professores/as, com esperança em um futuro melhor para a educação secular brasileira. Tal expressão pode ser empregada à educação cristã, tendo como principal ação a Escola Dominical e seus/as professores/as. Afirmo Gadotti.

Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa nova alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação. [...] Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensada pelos educadores que se reeducam juntos. Essa reeducação dos educadores já começou. Ela é possível e necessária.<sup>107</sup>

Diante disso será decorrido ainda nesse capítulo sobre a reestruturação da Escola Dominical partindo de um modelo de educação formal, tendo como agente dessa reestruturação o/a professor/a, o qual é exigido uma formação pedagógica que o permita ser agente de transformação e mediador do ensino-aprendizagem, “não sendo visto apenas como um transmissor de conceitos, mas como um contribuinte na formação e no desenvolvimento

<sup>107</sup> GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 2 Ed., São Paulo: Cortez. 1998, p. 90.

do caráter de seus alunos”<sup>108</sup>. Ao utilizar a pedagogia freireana como concepção pedagógica, facilitará o alcance do compromisso da educação com a vida extra escolar e a prática mediadora desse/a educador/a, atingindo assim os objetivos que serão propostos nesse trabalho para a Escola Dominical nas Assembleias de Deus.

### 3.1 A reestruturação da Escola Dominical, a partir de um modelo de educação formal

A Escola Dominical tem sido compreendida ao longo de seu crescimento e desenvolvimento como agência evangelizadora e missionária, conforme Ribeiro<sup>109</sup>, nas Assembleias de Deus não tem sido diferente, pois o ingresso tem de imediato a oportunidade de conhecer a doutrina e os costumes de sua nova fé através da participação na Escola Dominical, utilizando um material já citado, denominado: revista “Lições Bíblicas”, produzido pela Casa Publicadora da Assembleia de Deus – CPAD.<sup>110</sup> Diante de tal descrição, a Escola Dominical tem função formadora/educadora. Formadora porque deverá propiciar uma formação a seus/as educandos/as para o exercício da fé e da cidadania, e educadora porque ao formar seus/as educandos/as o faz sob determinada estrutura educacional organizada, ainda que fora dos padrões de uma educação secular, tornando a mesma não formal.

É importante definir aqui, o aspecto não formal da educação na Escola Dominical e o aspecto formal proposto para uma reestruturação. Para melhor esclarecer a diferença da educação não formal e a educação formal, LaBelle afirma que a educação não formal tem “considerável potencial de flexibilidade no currículo, na seleção de quem ensina e quem aprende e na determinação das metas e avaliação de resultados”<sup>111</sup>. Gohn<sup>112</sup> delimita essa questão partindo de seis questionamentos, sendo eles: Quem é o educador (agente contribuinte do processo de construção do saber)?; Onde se educa (local, espaço ou território)?; Porquê

<sup>108</sup> SANTOS, Valdeci da Silva. Educação Cristã: Conceituação teórica e implicações práticas. *Revista Fides Reformata*, São Paulo, v. XIII, n. 2, p. 155-174, 2008a.

<sup>109</sup> ARAÚJO, Berenice; RIBEIRO, Luzelucia. *Escola Dominical*, a formação integral do cristão. Pindamonhangaba: IBAD, 2008, p. 25.

<sup>110</sup> Atualmente a CPAD conta com um site específico para a revista “Lições Bíblicas”. Desta forma, se apropriam das novas tecnologias da informação, para melhorar o acesso à revista e demais materiais. Endereço eletrônico: <<http://www.licoesbiblicas.com.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2017

<sup>111</sup> LABELLE, Thomas. *Non-formal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution?* New York: Praeger. 1986, p.6. (Considerable potential for flexibility in the curriculum, in the selection of those who teach and who learn and in the determination of goals and evaluation of results. Tradução do mestrando).

<sup>112</sup> GOHN, Maria da Gloria. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação*, v.14 n° 50, p. 27-38, jan/mar. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405/>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

(finalidades/objetivos)?; Como se educa (contexto/situação)? Quais as características mais pertinentes?; E quais serão os resultados esperados? Respondendo essas questões na educação formal, diria: os/as educador/as, podem dizer que são os/as professores/as ou profissionais da educação. Quanto ao local associa-se às escolas e locais regulamentados por lei, com certificação e organização segundo diretrizes nacionais, quanto ao como educar, sabe-se que os ambientes e contextos são normalizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente, tendo como finalidade o ensino-aprendizado de conteúdos historicamente sistematizados e normatizados por lei. Porém dentro de uma perspectiva de educação cristã, o qual “defende uma abordagem educacional holística, que considera não apenas o universo material, mas também a realidade espiritual”<sup>113</sup>.

Mediante a descrição acima, nota-se que a educação formal espera como resultado uma aprendizagem efetiva, e no fim de cada etapa, há certificação que o habilita a seguir níveis e graus sequenciais mais elevados. Tudo isso adquirido em locais específicos, pessoal especializado, organização, sistematização sequencial das atividades, disciplina, regulamentos e leis, órgãos superiores e ainda tem um caráter metódico, organizado por idade e por níveis de conhecimento.

Desta forma, torna visível o caráter de educação não formal da Escola Dominical na Assembléia de Deus. Sendo este o principal instrumento de educação, nos convém questionar o que é educação nesse contexto? Como tem desenvolvido esse processo educacional? E “qual é o objetivo último da educação?”<sup>114</sup> Para melhor compreendermos e respondermos esses questionamentos, devemos aprofundar no termo educação e seus fundamentos básicos.

Muitas vezes no meio educacional e principalmente no meio cristão, ao se deparar com o vocábulo educação, entendem-no como ensino, que é um equívoco. Pois ensino tem outro significado, que é Didasko, ensinar. Provém de di-dak-sko raiz dek, que significa aceitar, estender a mão para. “A raiz duplicada e o sufixo incoativo transmitem a ideia de estender a mão repetidas vezes para aceitar algo”<sup>115</sup>, diferente de educação, pois o termo ensinar presume uma ação passiva. Tratando de educação, devemos recorrer ainda ao termo latino ducare, que é entendido como: guiar, conduzir, onde é acrescentado o prefixo “e” que significa para fora,<sup>116</sup> adquire o sentido de levar o/a aprendiz a tirar para fora o que ele/a tem de melhor, enquanto, o Didask, tem o sentido de receber, ou seja, de fora para dentro. Delors, no seu relatório sobre educação para o século XXI, aponta que

<sup>113</sup> SANTOS, 2008a, p. 159.

<sup>114</sup> CANTO-SPERBER, Monique, *Dicionário de ética e filosofia moral*, vol. 1, São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 503.

<sup>115</sup> COENEN, 2000, p. 633.

<sup>116</sup> CANTO-SPERBER, Monique, 2003, p. 503.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritual. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação e que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.<sup>117</sup>

Danilo Streck, afirma que “a Escola Dominical (ED) é a atividade educativa mais marcante no programa de educação cristã das igrejas do protestantismo de missão”<sup>118</sup>, porém a Escola Dominical não pode ser um receptáculo, no sentido original da Didask, muito menos se restringir a uma agência educativa apenas para inculcar saberes bíblicos, assuntos concernentes à história do cristianismo, mas um agente preparatório de cristãos para o exercício da cidadania. José Comblin, afirma que a “educação cristã é para a liberdade”<sup>119</sup>, a vida torna melhor quando há liberdade e a educação cristã deve prever meios que assegurem aos seus frequentadores desenvolver capacidades de rever seus conceitos e sua vida. Streck diz que: “O conteúdo da educação cristã está para além de um mero conjunto de informações”<sup>120</sup>, assim compreende-se que a Escola Dominical deve preparar para a vida cotidiana e não apenas reproduzir conhecimentos bíblicos moldados em uma revista que é elaborada em realidades diferentes da vivida pela comunidade local que está estudando, sabendo que a revista bíblica é a mesma estudada em todo o país, em realidades antagônicas.

Entende-se, que a Escola Dominical deva desenvolver uma educação comprometida em formar princípios morais e éticos do cristianismo no/a aluno/a, pois, “a perspectiva ética da educação cristã motiva seu esforço por instruir o aluno em todos os aspectos da complexa teia moral, social, intelectual e religiosa”<sup>121</sup>, Que tal entendimento, comprometimento e ética, os/as libertem das amarras de um sistema opressor e mortal, onde a educação acontece de forma bancária e depositária como afirma Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido*:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los.<sup>122</sup>

<sup>117</sup> DELORS, Jaques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; São Paulo/SP. UNESCO, 1998, p. 99.

<sup>118</sup> STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: Aproximações com a Teologia*. Petrópolis/Curitiba: Vozes/Celadec. 1994, p. 79.

<sup>119</sup> COMBLIN, José. Perplexidades de quem Educa: a educação cristã forma para liberdade? *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, jan/fev de 1998a, n. 198, p. 7 -12.

<sup>120</sup> STRECK, 1994, p.81.

<sup>121</sup> SANTOS, 2008a, p. 168.

<sup>122</sup> FREIRE, 1987e, p. 66.

Um modelo de educação que Dewey chama de treino:

O treino nos leva apenas a certa conformação externa com hábitos e práticas de cujo sentido não participamos integralmente: é o primeiro resultado rude e áspero de nossos contatos com outras pessoas e com um meio social de convenções e de fórmulas.<sup>123</sup>

A Escola Dominical na Assembleia de Deus, em seus encontros e momentos de estudo, nos remete a compreender que há um monólogo, onde é utilizado um material didático, “Revista Bíblica”, que deve ser lido e transmitido oralmente, causando um distanciamento entre emissor e receptor, não havendo maior interação entre educando/a e educador/a.

Mediante visitas às igrejas Assembleias de Deus e leituras realizadas, conforme já relatado, percebe-se que a Escola Dominical tem uma estrutura acabada e polida, estando restrito a Revista Bíblica, onde todos os temas trabalhados nascem e findam em cada momento de estudo, onde o/a aluno/a adentra, permeando como expectador no momento dos estudos e saem ao seu término, quando na verdade ele/a está inserido em uma sociedade real e dinâmica, estando o/a aluno/a em constante relacionamento, com essa sociedade. A esse respeito Freire, afirma:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos da criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai crescendo a ela algo de que ele mesmo é fazedor.<sup>124</sup>

Por sua especificidade entende-se que a Escola Dominical deve acentuar seus objetivos na igreja e na sociedade, preparando educandos/as não só para acentuá-lo/la na devoção cristã, mas para as atividades externas e obrigações sociais, levando a igreja local a sair de si mesma e, se envolvendo com a vida de forma concreta, fazendo com que pessoas que frequentam a igreja, pela prática educativa conscientizem-se do exercício da cidadania e sejam atuantes socialmente, desvinculando de uma condição egocêntrica e atuando de forma humanitária. Zabatiero vai dizer que é necessário educar para a vitalidade e “educar para vitalidade equivale a um convite à renovação dos modos de viver, um chamado a construir identidades cidadãs, a edificar comunidades criativas e solidariamente includentes”<sup>125</sup>. Tal ato educativo traz uma valorização não só de si mas do outro como ser social.

<sup>123</sup> DEWEY, John. *Vida e Educação*. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural. 1980, p. 120.

<sup>124</sup> FREIRE, Paulo, *Educação como prática da liberdade*, 2 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, p. 41.

<sup>125</sup> ZABATIERO, Júlio. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 21-22.

A educação, seja cristã ou secular, tem por objetivo maior a auto-emancipação do/a educando/a como afirma Giroux, quando diz que deve haver uma luta em prol de “formas de conhecimento, habilidades e relações sociais que promovam as condições para emancipação social e, portanto, a auto-emancipação”<sup>126</sup>. Moreira afirma que a educação “deve exercitar processos de emancipação individual e coletivo, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta”<sup>127</sup>, porém, essa emancipação acontecerá estando o/a educando/a inserido e participante em uma estrutura com maior formalidade, pois Rothes afirma que:

É preferível, com efeito, sublinhar que as características da educação não formal resultam sobretudo de perspectivas e tradições de intervenção que, não estando condicionadas pela preocupação da validação de saberes, se foram estruturando com determinadas marcas que perduram até aos nossos dias. Uma vez essas características surgem de um modo mais claro e inquestionável, outras vezes elas cruzam-se de modo mais ou menos tenso com outras lógicas de intervenção educativa.<sup>128</sup>

Dando a entender que uma educação não formal possibilita uma flexibilidade negativa maior no processo de ensino aprendizagem, propiciando uma margem de erros maiores, devido a não formalidade e o não comprometimento com as exigências legais de uma educação formal, com toda a sua burocratização (positiva) exigida legalmente às instituições educacionais seculares, sendo estas governamentais ou privadas.

Não se pretende aqui, a institucionalização social, mas sim reafirmar Dewey quando ele diz: “a vida social se perpetua por intermédio da educação”<sup>129</sup>. A educação não é apenas um complemento qualquer em um todo, mas sim a parte fundamental na construção desse todo, partindo do pressuposto em que Dewey, afirma que: “a educação é fenômeno direto da vida, tão inelutável como a própria vida”<sup>130</sup>. Daí a preocupação em construir um processo educacional de qualidade, seguindo padrões normativos formais. Diante da importância da educação para a vida do/a educando/a, a Escola Dominical não pode ser encarada como um mero momento de encontro religioso, pois seu caráter educativo deve objetivar além do preparo eclesialístico. Nesse sentido, Léa Marcondes sugere que “uma contribuição

<sup>126</sup> GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 146.

<sup>127</sup> MOREIRA, 2010, p. 146.

<sup>128</sup> ROTHES, Luís Maria Fernandes Areal. *Recomposição induzida do campo da educação básica de adultos – lógicas de apropriação local num contexto político- institucional redefinido*. Dissertação Doutorado – Universidade do Porto. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Porto, 2005. Disponível em: <[https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/TESES.TESE?p\\_aluno\\_id=99392&p\\_processo=16802&p\\_lang=1](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/TESES.TESE?p_aluno_id=99392&p_processo=16802&p_lang=1)>. Acesso em: 02 ago. 2018.

<sup>129</sup> DEWEY, 1980, p. 117.

<sup>130</sup> DEWEY, John. *Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral*. São Paulo: Abril Cultural. 1980, p. 116.

fundamental, organizadora e orientadora é a construção do Projeto Político Pedagógico num formato e proposta semelhantes aos aplicados na escola. Para o contexto da igreja, deve ser incluída a dimensão bíblica no projeto”<sup>131</sup>. Através de um Projeto Político Pedagógico que traz uma abordagem de diversos parâmetros, áreas ministeriais e ações, seria mais abrangente o preparo do/a educando/a para a atuação na sociedade civil organizada como indivíduos/as atuantes e com princípios cristãos.

Outro aspecto importante que a formalização do processo educativo propicia para o crescimento individual e coletivo da sociedade é a participação da comunidade educativa no processo ensino-aprendizagem, as reuniões constantes com toda a comunidade escolar, a discussão de assuntos referentes ao processo ensino aprendizagem. O que propiciaria uma maior interação igreja e comunidade, além de um maior exercício da democracia na formação de conselhos auxiliares na gestão educacional. Tratando de democracia Cortella afirma: “não é um fim em si mesma: é uma poderosa e indispensável ferramenta para a construção contínua da cidadania, da justiça social e da liberdade compartilhada. Ela é a garantia do princípio da igualdade irrestrita entre todas e todos”<sup>132</sup>, porém, a gestão democrática escolar só se tornará efetiva quando entendida “como uma das formas de superação do caráter centralizador, hierárquico e autoritário que a escola vem assumindo ao longo dos anos”<sup>133</sup>, percebe ainda, que quando há uma participação efetiva da comunidade escolar “o autoritarismo normal diminui e as escolas mostram mais sensíveis às necessidades e aos problemas, sobretudo de pais e alunos, possibilitando a participação de toda a comunidade na definição dos rumos que a escola deve tomar”<sup>134</sup>.

Alves definindo a gestão democrática, diz que a mesma é:

Concebida como processo político-pedagógico no qual acontece cotidianamente o compartilhamento de ações e tomadas de posições dos atores sociais (pais, professores, funcionários, estudantes, comunidade local) coletivamente, de forma direta e mediada por Conselhos, na discussão e na tomada de decisão em todos os âmbitos da educação, de forma que as decisões tomadas estejam de acordo com anseios, tanto da comunidade local como da comunidade escolar, uma vez que as mesmas são as responsáveis pela gestão da escola.<sup>135</sup>

<sup>131</sup> MARCONDES, 2010.

<sup>132</sup> CORTELLA, Mario Sergio. *Não espere o Eritáfio* – provocações filosóficas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2005, p. 146.

<sup>133</sup> ANTUNES, Ângela. Aceita um conselho? Como organizar o Colegiado Escolar, in: *Guia da Escola Cidadã*, vol. 8. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire. 2002, p. 131.

<sup>134</sup> ANTUNES, 2002, p. 21.

<sup>135</sup> ALVES, Andréia Vicência Vitor. Para que fortalecer os Conselhos Escolares? In: *Web Revistas Diálogos & Confrontos Revista em Humanidades*. Dourados: MS. ISSN-2317-1871, vol.01, 1.º semestre, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uems.br/dialogoseconfrontos/Arquivos>>. Acesso em: 30 dez. 2013.

Diante da afirmação de Alves, percebemos o quanto é importante a gestão democrática no processo ensino-aprendizagem, a participação da comunidade resultará na concretude de uma sociedade melhor, na conquista de anseios que só poderão ser construídos numa ação democrática e coletiva. Anseios esses que independem do sistema escolar, porém serão alcançados com mais facilidade em um processo educacional coeso e conciso, propiciado por um sistema formal de ensino. A Escola Dominical é composta por um público que compartilha de anseios comuns à sociedade, sendo assim, se a mesma estiver uma estrutura formal, alcançará tais anseios com maior exatidão e precisão, conforme análise bibliográfica acima.

Não mais se pode pensar em uma Escola Dominical que não possa transformar a vida dos frequentes para a liberdade, assegurando-lhes por sua vocação educativa cristã o desenvolvimento de capacidades de rever seus conceitos e sua vida. Streck afirma que “o conteúdo de educação cristã está para além de um mero conjunto de informações”<sup>136</sup>, mas sim, acentuar seu caráter formador cristão na igreja e na sociedade, com a participação dos/as alunos/as no cotidiano social de forma construtiva, fazendo dessa comunidade melhor a cada dia, pois Brandão chega a afirmar que: “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação”<sup>137</sup>.

Um dos agentes de maior responsabilidade para que a Escola Dominical, não desconsiderando todo o corpo administrativo da igreja, deverá ter um caráter formador ativo e não um reproduzidor de conteúdos prontos de forma passiva, é a equipe de professores/as que ministram a cada encontro. Sobre esses profissionais decorreremos a seguir.

### 3.2 A formação pedagógica dos professores/as da Escola Dominical

Na atual conjuntura, onde o conhecimento é acessível a um click em um aparelho portátil, rompendo com as barreiras geográficas, sociais, econômicas e níveis de graduação escolar, mudou a compreensão de formação de professores/as. Necessário é que os mesmos tenham novas competências que lhes deem condições para lidar com a educação nesse novo século, pois “os analfabetos de amanhã não serão os que não aprendem a ler e a escrever, mas os que não aprenderam a aprender por toda a vida”<sup>138</sup>. É necessário ressaltar que “o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação deve suscitar uma

<sup>136</sup> STRECK, 1994, p. 81.

<sup>137</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1985). *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense. 1985, p. 7.

<sup>138</sup> ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo, *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 3 ed. Petrópolis, Vozes, 2003, p. 210.

reflexão geral sobre o acesso ao conhecimento do mundo de amanhã”<sup>139</sup>. Diante de tais afirmações, entende-se que o/a professor/a é aquela pessoa que tenha adquirido cultura e experiência de vida, que desempenhe suas atividades docentes dando direção ao processo ensino-aprendizagem para um amanhã melhor, fazendo uso com facilidade das novas tecnologias que despontam no mercado. O/a professor/a deve transmitir segurança aos/as alunos/as, sendo alguém confiável que os ajude não só na aprendizagem dos conteúdos históricos cristãos, mas que os/as auxilie a respeito da vida cotidiana em uma sociedade atual.

No exercício da docência, seja na prática secular ou cristã, o/a professor/a deve apresentar como qualidade primordial o reconhecimento e o desejo de superação dos seus próprios limites, na construção de um profissional melhor, Paulo Freire como educador chega a afirmar que “minha segurança não repousa na falsa convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei”<sup>140</sup>. Zabatiero vai dizer que “o professor só ensina se aprender, ou seja, curiosamente, reflete e medita sobre o conteúdo do que vai ensinar, experimentando-o na vida concreta. [...] Conhecendo o conteúdo do que ensinará, o professor motiva e ajuda os alunos a conhecerem criticamente esse mesmo conteúdo”<sup>141</sup>. Tornando a vivência tão importante quanto o domínio do conteúdo.

Em tempos atuais, a posição do educar, de modo a contribuir para a formação de cidadãos/as capazes de construir alternativas e soluções para desafios que lhes são colocados no cotidiano, com maior domínio das informações que circulam em diversos campos circundantes, transbordando os aparentes limites das diferentes áreas do conhecimento e a compreensão das relações existentes entre elas. Sobre a formação do/a professor/a San cristán diz:

A resposta para as perguntas que querem saber como são e atuam os professores depende das considerações sobre a sua formação pedagógica, sua bagagem cultural, suas qualidades pessoais, seu status social, as condições e regulações de seu trabalho, sua ética profissional e sobre a concepção que possuem de si mesmos, como profissionais e educadores.<sup>142</sup>

A condição de desempenho do/a professor/a para formação de alunos/as capazes, depende muito da sua formação, não só intelectual, mas de vida, sendo ele o protagonista da proposta e do processo de mudança, tornando assim:

<sup>139</sup> DELORS, Jaques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: MEC, UNESCO, 2010, p. 34.

<sup>140</sup> FREIRE, 1997, p. 153.

<sup>141</sup> ZABATIERO, 2009, p. 12.

<sup>142</sup> SACRISTÁN, José. Gimeno. A educação que temos a educação que queremos. In: IMBERNON, Francisco (org.). *A educação do século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artemed, 2000, p. 56.

Capaz de ajudar seus alunos a desenvolverem a criatividade, a receptividade à mudança e à inovação, a versatilidade no conhecimento, a antecipação e adaptabilidade a situações variáveis, a capacidade de discernimento, a atitude crítica, a identificação e solução de problemas.<sup>143</sup>

Em um processo de educação cristã formadora, o/a professor/a assume a função de abrir caminho para o acesso a um novo conhecimento, àqueles que estão iniciando na caminhada cristã, facilitando-lhes a aprendizagem, levando-os a reconstruírem sua própria compreensão de mundo através da reflexão. Para isso, o/a educador/a “deve amar a democracia e se comprometer com suas exigências de compreensão compartilhada, se querem criar um clima de relações solidárias e se pretendem construir a comunidade democrática de aprendizagem”<sup>144</sup>. Assim, a Escola Dominical não se limitará a um momento estanque, restrito ao tempo em sala de aula, nem aos ensinamentos doutrinários institucionais. Não se limitará apenas ao seu caráter evangelístico, tomará uma forma mais abrangente, levando o/a aluno/a a uma reflexão crítica sobre a própria prática cotidiana, pois “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”<sup>145</sup>. Zabatiero afirma que “a educação cristã parte da vida cotidiana e leva à prática no dia a dia”<sup>146</sup>. Nesse processo, tanto educando/a quanto educador/a crescem, juntos constroem caminhos de conhecimento da realidade vigente e a qual pretendem transformar com uma ajuda mútua. Freire afirma que “a ajuda verdadeira é aquela em que os que nela se envolvem se engajam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar”<sup>147</sup>.

Tratando de repensar a realidade, é necessário entender que a mesma é composta de seres humanos mutáveis, em uma realidade que por consequência deveria também ser mutável. Partindo desse pressuposto, percebe que a docência é uma atividade baseada em perguntas, por isso não é uma atividade rotineira, exigindo do/a professor/a um caráter questionador, pesquisador. Quanto a esse caráter do/a professor/a, Freire afirma: “Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como

<sup>143</sup> TORRES, Rosa Maria. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: TOMMASI, Lívia; WARDE, Miriam Jorge e HADDAD, Sérgio (Orgs.). *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1996, p. 157.

<sup>144</sup> GÓMEZ, Ángel Ignacio Pérez. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 304.

<sup>145</sup> FREIRE, 1997, p. 44.

<sup>146</sup> ZABATIERO, 2009, p. 13.

<sup>147</sup> FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 16.

pesquisador”<sup>148</sup>. Demo acrescenta, “o professor deve ser imagem viva do aprender a aprender”<sup>149</sup>. como exemplo de humildade e desejo de aquisição do conhecimento, despidendo da condição de detentor do conhecimento a mediador, nesse processo de construção e crescimento mutuo e constante.

Mesmo na Escola Dominical, onde o ensino-aprendizado ocorre fora dos padrões organizacionais de uma instituição pública, a prática docente não pode se dar fora de um contexto de prazer e beleza. Freire diz que, “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”<sup>150</sup>. Na Escola Dominical o/a professor/a exerce na maioria das vezes, a condição de educador, por voluntariedade, por amor a causa ou por não ter outro que o faça.

Não estamos falando de um espaço de educação cristã onde há profissionais de educação, porém, mesmo sem uma formação universitária deve concentrar esforços para dar o que tem de melhor, pois há acima de tudo alunos/as que o tem como exemplo e seu ensinamento a ser seguido, exigindo do mesmo um mínimo de formação para exercer bem a prática docente.

Tratando de professor/a educador/a, Freire afirma: “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”<sup>151</sup>, o/a educador/a cresce à medida que surgem as necessidades naturais da prática pedagógica, os questionamentos e dificuldades naturais no processo de educar e com as novas exigências naturais do processo de formação diário. A formação docente constitui elemento fundamental para atingir os objetivos visados pela educação cristã, devendo estar adaptados à realidade presente na igreja e sociedade em que se inserem. Entende-se que a formação do/a professor/a de Escola Dominical não deve tratar apenas da sua habilidade técnica e domínio de um conjunto de informações e de habilidade didática, mas também deve ter em mente a qualificação no sentido de uma formação humana em sua totalidade, para que possa assim formar alunos/as não só em um conteúdo exclusivo de prática e doutrina denominacional, mas sim, para uma atuação transformadora socialmente.

Os/as professores/as da Escola Dominical, como todo ser humano, não sabem tudo, não conseguem responder todas as indagações dos/as alunos/as, porém, devem estar sempre abertos ao diálogo. O não saber é inerente ao ser humano, Freire afirma que: “testemunhar a

<sup>148</sup> FREIRE, 1997, p. 32.

<sup>149</sup> DEMO, Pedro. *Questões para a teleducação*. Brasília: UNB, 1996, p. 89.

<sup>150</sup> FREIRE, 1997, p. 67.

<sup>151</sup> FREIRE, 1997, p. 58.

abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, aos seus desafios, são saberes necessários à prática educativa”<sup>152</sup>. Nessa abertura dita por Freire, é necessário uma sensibilidade maior, principalmente na educação cristã, por parte do/a professor/a em propiciar a seus/as alunos/as a liberdade de análise e escolha, do conteúdo estudado, do que é certo ou errado, do que será pelo/a aluno/a internalizado e adotado como prática na vida cristã diária. A educação cristã, e sendo a maior agente difusora dessa educação a Escola Dominical, é um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade em que está inserida. Sobre tal questão, o modelo pedagógico de Dewey afirma que a: “educação como processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de novas experiências futuras”<sup>153</sup>.

Na atuação docente, sendo educação cristã ou secular, é de fundamental importância o planejamento das ações, para assim sequenciar as atividades entre classes e subsequente às classes em seus avanços por idade. Quando pensamos em uma proposta de planejamento na Escola Dominical, devemos levar em consideração dois grupos, o de professores/as e alunos/as, onde deve haver participação das soluções e resoluções dos procedimentos a serem empregados no processo ensino aprendizagem. O processo de planejamento para professores/as deve ser conciso, participativo e democrático, levando a sério a pesquisa que antecede a ministração da lição, o que requer tempo, para que possa assim ser capaz de responder o máximo de questionamentos feitos pelos/as alunos/as no momento que estiver lecionando. No processo de planejamento é de fundamental importância que o/a professor/a tenha conhecimento detalhado da realidade na qual irá trabalhar. A esse respeito Turra, afirma:

Antes de formular objetivos e estabelecer a estratégia para o desenvolvimento da sua ação junto aos alunos, é essencialmente que o professor efetue um balanço sistemático das características, condições e problemas da realidade em que vai atuar.<sup>154</sup>

Embora a afirmação acima seja empregada à educação secular, pode ser contextualizada a Escola Dominical, pois conhecer a realidade dos alunos é de suma importância para o desenvolvimento pedagógico da ação educativa e para o processo de ensino aprendizagem. Só a partir do conhecimento dessa realidade que se pode fazer um

---

<sup>152</sup> FREIRE, 1999, p. 153.

<sup>153</sup> DEWER, 1980, p. 116.

<sup>154</sup> TURRA, Clódia Maria Godoy. *Planejamento de ensino e avaliação*. PUC/EMMA. Porto Alegre. 1975, p. 13.

planejamento eficaz, tendo condições de avaliar e aperfeiçoar o planejamento outrora realizado.

Pode parecer distante a realidade da Escola Dominical e a realidade da escola secular, porém não é verdade. Para alcançar êxito no processo de ensino-aprendizagem na Escola Dominical, são necessárias as mesmas exigências no processo de planejamento da escola secular, desde um currículo, planejamento, uma estrutura didática, ações metodológicas, a partir do que é proposto pelas atividades trimestrais da Revista Bíblica (tem sua edição trimestralmente), levando em consideração as necessidades locais.

O planejamento é o modo como se pretende alcançar os objetivos propostos, sendo de extrema necessidade, para um replanejamento constante e assim maior êxito na execução das aulas.

Na didática teórica o planejamento aparece como um recurso fundamental para o desenvolvimento eficiente do processo de ensino, uma previsão de todas as atividades a serem desenvolvidas, tendo-se em vista o alcance dos objetivos visados. Todas as características, etapas, níveis, tipos e técnicas de elaboração de um bom planejamento de ensino são apresentados ao futuro professor, tendo em vista a sua preparação para o desempenho dessa tarefa, considerada uma função inerente ao professor. Trata-se de uma visão abstrata, coerente; nela, porém, professor e alunos não são contextualizados nem vistos como sujeitos de um processo histórico numa sociedade concreta, conflitiva e contraditória.<sup>155</sup>

O comentário de Martins, reforça o entendimento de que há necessidade de desenvolver uma didática prática, para um êxito maior no exercício da docência, seja ela secular ou na Escola Dominical. Deve ser considerado que há uma distância enorme entre o grupo que elabora a Revista Bíblica, utilizada na Escola Dominical e o grupo que executa. Porém, deve ficar claro que “o planejamento não é um fim em si mesmo”<sup>156</sup>, mas um dos meios mais seguros de organizar e preparar as ações cotidianas na sala de aula, para que assim alcance os objetivos desejados.

Anders a esse respeito afirma:

A organização e o programa de uma Escola Dominical brotam da sua responsabilidade. As atividades que constituem o seu funcionamento efetivo são determinadas pelas necessidades dos alunos, em relação a seus lares, ao seu meio ambiente educativo e social, às suas horas de lazer e outras circunstâncias, e em face dos meios de que se possa lançar mão para consecução desses objetivos.<sup>157</sup>

<sup>155</sup> MARTINS, Pura Lúcia Oliver. *Didática teórica/didática prática*: para além do confronto. São Paulo. Loyola. 1989, p. 66.

<sup>156</sup> MARTINS, 1989, p. 67.

<sup>157</sup> ANDERS, Rodolfo. *A Escola dominical: organização e administração*. 2 ed., Rio de Janeiro, Confederação Evangélica do Brasil, 1949, p. 41.

Deve ser ressaltado ainda, que para um planejamento eficaz, deve considerar o fato de que a Escola Dominical nas Assembleias de Deus tem seu funcionamento apenas aos domingos, sendo assim um tempo muito pequeno, exigindo daqueles que irão lecionar. O total aproveitamento do tempo e uma forma de trabalhar com os/as alunos/as que obtenham a maior produtividade didática possível. Se preparando o máximo para render mais em menos tempo, além de tornar a classe da Escola Dominical um lugar agradável e produtivo. Não que a Escola Dominical esteja disputando com a escola secular, ou que o professor tenha que resolver tudo, mas sim levar o aluno a aproveitar o máximo do que lhe é apresentado.

Um fator contribuinte nesse processo de ministração das aulas, é a utilização das tecnologias como ferramentas pedagógicas, pois são estimulantes aos/as alunos/as, dinamizar o conteúdo, e fomentar a autonomia e a criatividade, melhorando assim o exercício da docência.

Porém jamais pode se desprezar a importância do/a professor/a nesse processo inovador. É fato que se faz necessário que os/as professores/as sejam capacitados para a implantação dessas novas tecnologias, rompendo o fato comum de o/a professor/a desenvolver uma prática tradicional em sala de aula. A utilização dos recursos tecnológicos são atitudes que revelam a integração das mídias na prática pedagógica.

Demo diz que:

Temos que cuidar do professor, porque todas essas mudanças só entram bem na escola se entrarem pelo professor, ele é a figura fundamental. Não há como substituir o professor. Ele é a tecnologia das tecnologias, e deve se portar como tal.<sup>158</sup>

Nesse contexto de desenvolvimento tecnológico na prática docente, o/a professor/a da Escola Dominical não pode ficar à margem, pois enfrentaria maior dificuldade no estímulo dos/as alunos/as, além de uma defasagem nos senso crítico, de uma geração que vive em constante contato com as novas tecnologias, tanto em ambiente doméstico, social e escolar, seja este público ou privado. As tecnologias vêm para nos proporcionar uma educação de qualidade, rompendo com a exclusão digital, inserindo o/a aluno/a na modernidade das novas tecnologias e dinamizando o processo de ensino-aprendizagem, além de tornar as aulas na Escola Dominical mais agradável e interativa.

Diante de um contexto de inovação, não só é necessário ao/a professor/ da Escola Dominical uma formação que lhe propicie o exercício da docência, mas também a utilização

---

<sup>158</sup> DEMO, Pedro. Os desafios da linguagem no século XXI. In: *Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC*. Guia do cursista/ Maria Umbelina Caiafa Salgado, Ana Lúcia Amaral. Brasília; Ministério da Educação, Secretária de Educação à Distância; 2008, cap. 4, p. 134.

de uma pedagogia que lhe propicie a condição de mediador e condutor do processo de ensino-aprendizagem. Uma pedagogia que lhe dê uma visão diferenciada da própria prática docente e uma valorização da realidade em que vive o/a aluno/a. Tendo o passado por experiência, a realidade como material pedagógica e o futuro como objeto de mudanças e transformações. Nesse contexto de educação cristã emerge a pedagogia freireana, a qual pode contribuir com o crescimento dos/as alunos/as e professores/as da Escola Dominical na Assembleia de Deus. Esse será o tema a ser discorrido no próximo item deste capítulo, amalhando os princípios da educação cristã em um meio eclesialístico, à visão transformadora da pedagogia freireana.

### 3.3 A utilização da pedagogia freireana, no contexto eclesialístico

É certo que a educação, não muda mecanicamente a sociedade, mas muda os seres humanos que podem mudar suas vidas e suas estruturas políticas, sociais, religiosas e econômicas. Os seres humanos não nascem prontos e acabados, mas sim, seres em transformação e crescente formação. Porém é muito importante nesse processo de crescimento e mudança, o ambiente que o ser humano está inserido. Nesse sentido, a educação torna-se decisiva como instrumento de transformação. Em uma atividade formal se dá de maneira mais organizada e abrangente, como foi descrito no item anterior, porém não pode ser negada que mesmo em atividade não formal essa transformação não aconteça, como tem acontecido nas Escolas Dominicais. Para maior conhecimento e primor, a leitura e conhecimento da pedagogia freireana, que traz no seu âmago uma posição teórico-epistemológica e política de defesa do homem como ser em transformação, faz necessária por educadores/as preocupados com as condições existenciais de seus/as educandos/as. A importância de tal análise se dá em constante e necessário diálogo dos/as educadores/as com o mundo e com as possibilidades de sua transformação. A prática dialética de escutar, refletir, engajar-se, faz com que a teoria freireana encontre sua necessária dimensão pedagógica-política, tão atual e necessária, tanto nos espaços formais quanto nos espaços não formais de educação cristã, como é a Escola Dominical, pois ambos devem por meio da educação pretender a emancipação de indivíduos e grupos.

Sobre a ação educativa no espaço eclesialístico Freire afirma:

As igrejas, de fato, não existem, como entidades abstratas. Elas são constituídas por mulheres e homens 'situados', condicionados por uma realidade concreta, econômica, política, social e cultural. São instituições inseridas na história, onde a educação também se dá. Da mesma forma, o que faz educativo das igrejas não pode

ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta em que se acham.<sup>159</sup>

Nessa afirmação, Freire fala de uma igreja atuante na história e na missão que ela preconiza e desenvolve, pois está inserida na realidade concreta em que se encontra e não há como estabelecer neutralidade em sua vida e missão. A educação desenvolvida em uma igreja atuante apresenta-se como método de ação que liberta e transforma a pessoa e a sociedade na qual se vive.

Essa ação educadora tanto de Paulo Freire quanto da Escola Dominical como igreja atuante, traz o objetivo de formação humana, como um todo, para que possa assim influenciar de forma positiva o meio em que está inserida, utilizando aspectos desse meio para o crescimento pessoal.

Para entendermos melhor essa interação entre a educação cristã e a pedagogia freireana, na carta endereçada a um jovem teólogo, Paulo Freire afirma que:

Devemos nos transformar em descobridores de novas possibilidades e, em tempo, torná-las concretamente reais. Não há esperança na passividade, na acomodação, no ajustamento, e sim na dialética inquietude e paz que caracteriza o ato crítico da busca permanente. Minha espera só é válida se busco e luto com esperança.<sup>160</sup>

Sendo assim, a religião deve promover denúncias de opressão e o anúncio de uma nova mentalidade cristã, que leve as pessoas a atuarem em nome da fé por uma nova sociedade, transformadora, liberta e justa. Tratando quem frequenta a educação cristã, Paulo Freire os denomina de profetas e com uma responsabilidade profética. A esse respeito afirma: “Somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais”<sup>161</sup>. A respeito dessa visão libertária, mesmo em 1872, já era realizado no meio evangélico alusão a tal ação. O jornal *A Imprensa Evangélica*, periódico da igreja Presbiteriana, publicou em 16 de março do corrente ano: “a igreja que se opõe à liberdade e ao progresso não é a igreja de Cristo”<sup>162</sup>.

A principal característica das literaturas utilizadas na Escola Dominical pela Assembleia de Deus é a linguagem fundamentalista. Léa Marcondes afirma que “no século

<sup>159</sup> FREIRE, Paulo. O papel educativo das igrejas na América Latina. In: FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000a, p. 105.

<sup>160</sup> FREIRE, Paulo. Terceiro mundo e teologia. Carta a um jovem teólogo. In: TORRES, Carlos Alberto. *A práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1977. p. 88.

<sup>161</sup> FREIRE, 1979a. p. 27-28.

<sup>162</sup> A sociedade civil e a sociedade religiosa. *A Imprensa Evangélica*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 06, p. 41, 16 mar 1872. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/376582/per376582\\_1872\\_00006.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/376582/per376582_1872_00006.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2018.

XX missionários de diversas denominações norte-americanas chegaram ao Brasil trazendo duas importantes correntes teológicas, o fundamentalismo e o pentecostalismo”<sup>163</sup>.

Para definir fundamentalismo será abordada duas definições de dois autores importantes, Carlos Caldas e Leonardo Boff. Carlos Caldas afirma que

O pensamento conhecido como fundamentalismo teve início nos primeiros anos do século XX, nasceu nos Estados Unidos como uma reação aos excessos do liberalismo teológico do século XIX. [...]. O termo fundamentalismo surgiu em decorrência da publicação de uma série de livros que expunha os ‘fundamentos’ da fé cristã. Tratava-se de uma afirmação de fé centrada em doutrinas cristãs como o nascimento virginal de Jesus Cristo, seu sacrifício com caráter expiatório e a sua ressurreição corporal. O fundamentalismo, portanto, teve uma proposta inicial saudável: reafirmar a fé cristã, defendendo-a das diversas objeções que recebia. Entretanto, com o passar dos anos, a beleza da proposta original foi-se perdendo. O movimento tornou-se cada vez mais agressivo e intolerante, adotando atitudes inquisitoriais[...]. Outra característica do fundamentalismo é a postura anti-intelectual. Uma preparação sólida dos obreiros cristãos passou a ser vista com reserva.<sup>164</sup>

Leonardo Boff define o fundamentalismo da seguinte maneira:

Não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista.<sup>165</sup>

Nessa visão, o fundamentalista é aquele, que está muito mais interessado em guardar a letra da doutrina do que em fazer vivificar o seu espírito. Uma interpretação atualizada é um risco para uma mente fundamentalista, pois pode vir a perder sua verdade original. Segundo Figueira, esse tipo de leitura pode tornar-se perigosa, na medida em que rejeita o diálogo e “considera como história o que de fato não é”<sup>166</sup>, insistindo indevidamente no caráter absoluto de toda a Bíblia, negligenciando os interesses dos grupos que a produziram e as reflexões oriundas da exegese dos especialistas, sendo usada mais como manual mágico para obtenção de respostas para problemas momentâneos e emergenciais. Figueira ainda enfatiza que essa interpretação literal leva a comunidade a absorver as tradições patriarcais de seus autores e os condicionamentos sexistas de seu contexto histórico, cuja linguagem foi perpetuada pelas traduções e hermenêuticas masculinas, daí a dificuldade em aceitar as conquistas dos estudos modernos e das mudanças histórico-culturais pelas quais nossa sociedade passou.

<sup>163</sup> MARCONDES, 2010.

<sup>164</sup> CALDAS, Carlos. *O último missionário: os missionários estrangeiros estão deixando o Brasil. Qual a perspectiva para a nova liderança evangélica?* São Paulo: Mundo Cristão, 2001. p. 41.

<sup>165</sup> BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade.* Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 25.

<sup>166</sup> FIGUEIRA, José Ângelo. *A Leitura Popular da Bíblia em Imperatriz.* Imperatriz, MA: Ética, 2007. p. 41.

Porém essa leitura trata-se de uma atitude paradoxal ao abraçar o fundamentalismo, pois ao mesmo tempo em que concede aos indivíduos melhorias da autoestima e autonomia sobre antigos vícios, dando-lhe liberdade de pronunciamento nos cultos e participação no mesmo nível de igualdade perante os outros irmão de fé, também os submetem ao controle de uma rígida doutrina, elaborada e imposta por um corpo de teólogos especializados, que os conduzem a uma concepção de mundo fechada, centrada nos valores da comunidade religiosa, que, por considerarem ser de inspiração bíblica, são consideradas como os únicos aceitáveis, desprezando assim os demais.

Nesse contexto, a pedagogia freireana nortearia no processo de educação cristã a Escola Dominical em uma nova visão, uma nova prática, pois Freire busca um método que liberte a consciência crítica, apresenta caminhos para um diálogo entre a teologia e vida social. No primeiro capítulo, foi abordado a responsabilidade de um olhar social mesclado ao doutrinário da Escola Dominical. Em uma sociedade atual, não há espaço em um ambiente educacional para a exclusão do diálogo e análise de situações do cotidiano. O homem não mais pode ser visto como tábula rasa, como objeto neutro frente ao mundo em que vive. Sobre essa questão, Freire afirma que: “Não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’, a quem o mundo ‘encha’ de conteúdo (...) Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a problematização dos homens em reação ao seu mundo”<sup>167</sup>. Dentre essa problematização, espera que seja trabalhado, no âmbito da Escola Dominical, temas como o preconceito, seja ele de qual natureza for. Pois “a prática preconceituosa de raça, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”<sup>168</sup>. Mesmo fundamentado em uma teologia fundamentalista é inadmissível que nos dias atuais, haja ações preconceituosas e estas sendo praticadas por educadores/as seja em qual ambiente for.

Freire já em 1959 em sua tese de doutorado em Filosofia, com o título “Educação e atualidade brasileira”, pensou em uma escola que acolhesse as pessoas com suas particularidades e diferenças e em um meio cristão, tal inclusão deve ser muito maior. Essa junção entre a teologia e pedagogia freireana, passa a ser utilizada na Escola Dominical como forma de implantar esta nova pedagogia no processo evangelizador e com método libertário e não numa ótica doutrinária, e sim num caráter transformador.

A ação transformadora, tendo a Escola Dominical como educação cristã, se dará por intermédio de dois pilares fundamentais: a fé no homem e a ação dialogal do próprio homem.

---

<sup>167</sup> FREIRE, 1987, p. 87.

<sup>168</sup> FREIRE, 1997, p. 39-40.

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta contudo não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado.<sup>169</sup>

Para Freire a fé nos homens que a priori antecede a toda relação dialógica na prática educativa. A teologia faz uso com maior frequência, porém ganha um caráter pedagógico onde resgata a fé no ser humano, o fazendo viver socialmente e o colocando num processo de aprendizagem contínua, podendo assim ser co-criador. A palavra como ação criadora em Freire, é abordada como algo além de um meio para comunicar expressão, e sim como trazer a existência e transformar, como ato novo na vida das estruturas sociais. Ela constitui em duas dimensões inseparáveis, que são a ação e a reflexão. Com Freire em sua visão antropológica também a palavra tem o poder de criar, de refazer, de transformar. Isto porque o homem só se faz um ser de relações no diálogo, na palavra. Não dá para ser existente no silêncio, mas na palavra. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”<sup>170</sup>.

Vale ainda enfatizar que a pedagogia freireana parte do princípio de que o ser humano é um ser dialógico, que se faz no mundo, na construção das relações possíveis através das quais significa a vida. E ser dialógico

Não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluída de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em ‘seres para a outro’ por homens que são falsos ‘seres para si’. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. [...] O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.<sup>171</sup>

Freire se refere a uma construção social que se dá a partir do diálogo, sendo mediatizado pelo mundo. Tendo o ser humano como indivíduo concreto, como sujeito que se faz humano, imerso em um meio cultural e dinâmico, onde o homem e a mulher transformam e vão sendo transformados no processo de humanização.

Um dos desafios da educação cristã hoje, para trabalhar com essa sociedade acima descrita, que tem se estruturado em um processo de dinamismo, e consecutivamente da Escola

<sup>169</sup> FREIRE, 1987, p. 95.

<sup>170</sup> FREIRE, 1987, p. 90.

<sup>171</sup> FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, p. 39.

Dominical, em especial na Assembleia de Deus, é além da ação evangelística solidificar uma proposta curricular que eduque, aqueles que a Escola Dominical tem frequentado, porém partindo de um “caminho correto, mas se impõe que partamos da realidade das coisas reais e não de ideias feitas”<sup>172</sup> como afirma Milton Santos. Necessitando assim de uma interação entre ação educacional e realidade social vivenciada por alunos/as da Escola Dominical na atualidade, pois o conteúdo histórico cristão, “pode significar uma identidade com as raízes, mas a escolha do futuro vai, sobretudo, depender do entendimento do mundo atual”<sup>173</sup>. Assim, a leitura da realidade é um dever para que se prepare a Escola Dominical e os/as educadores/as do futuro.

A educação não foi concebida para servir como um paliativo do problema circunstancial, mas sim uma forma de correção momentânea, ao mesmo tempo em que visava incidir sobre o futuro. Nesse contexto está a importância de pensar a educação, e não apenas reproduzi-la. Como disse Santos: “Não se trata de inventar de novo a roda, mas de dizer como a fazemos funcionar em nosso canto do mundo; reconhece-lo será um enriquecimento para o mundo da roda e um passo a mais no conhecimento de nós mesmos”<sup>174</sup>. Parafrazeando Santos, diria que não se trata de reinventar a Escola Dominical, mas de dizer como ela pode funcionar na igreja vigente e, particularmente, nesse contexto; pois essa atitude certamente a enriquecerá e trará avanços significativos no autoconhecimento dos/as que a frequenta. Nesse sentido, não está aqui sendo tratada a mudança do seu caráter evangelístico, e de seus princípios fundamentados na ética, mas sim, os meios que se fundamentam em psicologias, métodos pedagógicos e da gestão dos melhores meios de se efetivarem.

Assim, o momento que decide o futuro da Escola Dominical deve ser marcado pela construção coletiva de seu projeto educacional, pois ele é um sistema educacional para a comunidade de fé e deve atender aos anseios dessa mesma comunidade, num processo de crescimento emancipatório.

O método Paulo Freire vem de encontro todas as exigências do processo de reestruturação da Escola Dominical, trazendo conforme exposto no decorrer desse capítulo a visão de valorização dos/as educandos/as, partindo assim da realidade que os mesmos estão inseridos sem perder o alicerce da ação evangelística que os fundamentam na ação transformadora e libertadora.

<sup>172</sup> SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. 47.

<sup>173</sup> SANTOS, 2008, p. 117-118.

<sup>174</sup> SANTOS, Milton. *O país distorcido*. São Paulo: PubliFolha, 2002, p. 51-52.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho se baseou em uma pesquisa bibliográfica, onde tem por foco de estudo a Escola Dominical na Assembleia de Deus e o método pedagógico Paulo Freire. Durante a construção do trabalho torna-se conhecido a trajetória de existência da Escola Dominical, desde sua origem à construção ao longo da história até os dias atuais, mostrando as conquistas e avanços, desde a expansão numérica e geográfica. Nos subtópicos 1.2 foi constatada a existência de um material pedagógico próprio. Da mesma forma a pedagogia freireana, o cerne do pensamento de Paulo Freire e a construção desse pensamento ao longo dos momentos históricos e sua influência na educação atual.

Para o desenvolvimento desta dissertação, recorreu-se à leitura de vários livros, artigos, teses e periódicos. Todos discorrendo sobre o tema abordado, tornando mais compreensível aos que o lerem. Para tornar tal ato real, viável e factível, a dissertação foi dividida em três capítulos, cada um com três subtítulos. Com exceção da introdução que objetivou apresentar a estrutura do trabalho em si e a conclusão que dá fechamento ao mesmo.

No capítulo um, o objetivo proposto foi apresentar um resumo da história da Escola Dominical, desde o seu início até a situação atual, seu público alvo, a estrutura didática do material utilizado e a formação do/a professor/a que tem ministrado na Escola Dominical. Destacando desde a reforma e seus reformadores até a sua implantação em 1911, na recém-criada Assembleia de Deus no Brasil. Enfoca ainda, a estrutura existente, que muitas vezes deixa a desejar devido à falta de aspectos normatizadores e formal que o processo ensino-aprendizagem exige, para maior aprendizagem.

No capítulo dois, o foco foi a pedagogia freireana, tal como a influência do homem e do educador Paulo Freire, como as contribuições dessa pedagogia para a educação brasileira, prevendo para o próximo capítulo a sugestão da implantação dessa pedagogia por parte dos/as educadores/as na Escola Dominical. Percebe-se nesse capítulo a grandeza do método e os resultados com a implantação do mesmo, ora demonstrado no projeto piloto em Angicos no Rio Grande do Norte.

O terceiro capítulo, trouxe uma distinção clara entre educação formal e a educação não formal. A estrutura de uma educação formal e seus benefícios, como as possibilidades de fracasso em uma educação não formal. Ainda nesse capítulo, foi possível discorrer sobre a formação pedagógica dos/as professores/as da Escola Dominical e a necessidade de uma boa formação para o exercício da ação educadora com sucesso, tanto quanto, a sua

responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem e na ação transformadora, tanto individual como social do/a educando/a e consecutivamente no meio em que está inserido.

Diante disso, a pesquisa nos levou a compreender que muito seria válida a inserção da pedagogia de Paulo Freire na construção de uma educação cristã para a atualidade, onde a mesma ganharia uma formalidade, se tratando de educação e um dinamismo prático no lecionar os conteúdos por parte de professores/as e na própria execução de todo o processo de formação cristã construído no/a aluno/a na Escola Dominical.

Deve ser ressaltado que em momento nenhum o trabalho visou intervir na visão teológica das Assembleias de Deus ou como a mesma faz a leitura dos documentos sagrados, mas sim, na ação docente do exercício da educação cristã e em especial na Escola Dominical, pois educação não acontece por acaso e de qualquer jeito, ou como se as pessoas nascessem com determinados dons que as tornam menos ou mais educadas, por isso, há necessidade de uma formalização do processo de ensino-aprendizagem e um maior preparo por aquele/as os/as quais são responsáveis pela realização do mesmo.

O/a professor/a da Escola Dominical como o professor da escola secular, é potencialmente educador/a, por tanto precisa ter capacidade intelectual e pedagógica, e ainda, querer desenvolver atos educativos. Significa que terá que superar suas próprias dificuldades e romper com o senso comum, tornando-se ele/a própria estudante, não só das escrituras sagradas, mas de temas levantados pelos/as educandos/as. Isso significa uma reflexão crítica sobre sua própria prática pedagógica. Nesse momento que o aprofundamento na pedagogia freireana irá contribuir de maneira positiva na prática como educador ou educadora, dando-lhe maior compreensão do/a educando/a por intermédio de uma análise do meio e do contexto social que o/a mesmo/a está inserido.

Objetivando uma Escola Dominical com maior qualidade, em um tempo que a informática e novas tecnologias tem estado presente em nosso meio, torna-se, fundamental melhorar sua estrutura e funcionamento. Medidas simples devem ser tomadas, como aquisição de aparelhos de televisão, computador, Datashow e outros multimeios, para que possa assim assistir filmes, documentários e outros. Para que haja maior participação, a educação cristã deve lançar mão de artifícios como o celular e a internet, tão utilizados nos dias atuais.

Sabemos mediante o convívio no meio educacional, tanto como educadores/as quanto educando/a que a educação humaniza, mas também condiciona, e é contra esse condicionamento que discorremos em todo o trabalho, mostrando que a pedagogia freireana é contrária a tal ato, e que muitas vezes as Escolas Dominicais tem sido agentes condicionadores e não formadores. Na Escola Dominical isso se dá por uma série de

deficiências e escassez perceptíveis ao longo da realização do trabalho, tendo uma evidência maior por não haver um aspecto formal na estruturação do processo de ensino e principalmente por não utilização de um método inclusivo, um processo de valorização do/a aluno/a, por falta de uma proposta humanizadora, contrária à própria fé cristã.

Como ação de enriquecimento dessa proposta, vale ressaltar que numa verdadeira preocupação com a humanização do ser humano, Freire percorreu caminhos diversos, porém tomou como base a fé e o amor. Pois na fé, espera que os homens se abram ao outro, ao diferente, a esperança. Na fé espera que as pessoas sonhem, e no amor, o ser humano concretiza sua luta, se doando em prol da libertação.

Enfim, a inserção da pedagogia de Paulo Freire à prática da Escola Dominical como educação cristã, só a engrandeceria e concretizaria de forma mais eficaz para a formação humana como um todo, como ser cristão e social. Fazendo do ser humano mais atuante em uma sociedade carente de pessoas que não pensam de forma egoística, mas de forma coletiva. Espero assim ter atingido o objetivo, em demonstrar que essa inserção é capaz e que só engrandeceria a ação docente daqueles/as que ministram na Escola Dominical da Assembleia de Deus, fazendo a cada dia essa educação melhor.

## REFERÊNCIAS

- A sociedade civil e a sociedade religiosa. *A Imprensa Evangélica*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 06, p. 41, 16 mar 1872. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/376582/per376582\\_1872\\_00006.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/376582/per376582_1872_00006.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2018.
- ALVES, Andréia Vicência Vitor. Para que fortalecer os Conselhos Escolares? In: *Web Revistas Diálogos & Confrontos Revista em Humanidades*. Dourados: MS. ISSN-2317-1871, vol. 01, 1.º semestre, Jan/Jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uems.br/dialogoseconfrontos/Arquivos>>. Acesso em: 30 dez. 2013.
- ANDERS, Rodolfo. *A Escola dominical: organização e administração*. 2 Ed., Rio de Janeiro, Confederação Evangélica do Brasil, 1949.
- ANTUNES, Ângela. Aceita um conselho? Como organizar o Colegiado Escolar, in: *Guia da Escola Cidadã*, vol. 8. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire. 2002.
- ARAÚJO, Berenice; RIBEIRO, Luzelucia. *Escola Dominical, a formação integral do cristão*. Pindamonhangaba: IBAD, 2008.
- ARAÚJO, Israel. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ARMSTRONG, Hayward. *Base da Educação Cristã*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. Assembléia de Deus Vivendo uma Nova Vida. História da EBD. Disponível em: <<http://projetojeova.blogspot.com.br/p/historia-da-ebd.html>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo, *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 3 Ed. Petrópolis, Vozes, 2003.
- BARNA, George. *O poder da visão*. São Paulo: Abba, 1993.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos*. São Paulo: Pioneira. 1974.
- BEISIEGEL, Celso rui. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Ensaio 85. São Paulo: Ática. 1982.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia latino-americana: Freire e Dussel*. Ijuí/RS: Unijuí. 1991.
- BOTO, Carlota. *A modernidade do Estado-Nação*. Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura, ano1, n.1, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense. 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BUENO, Telma. *Educação cristã reflexões e práticas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

CALDAS, Carlos. *O último missionário: os missionários estrangeiros estão deixando o Brasil. Qual a perspectiva para a nova liderança evangélica?* São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

CANTO-SPERBER, Monique, *Dicionário de ética e filosofia moral*, vol. 1, São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CARVALHO, Vicnete Vitoriano M. *As imagens no método Paulo Freire na experiência de Angicos (RN) - 1963*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista Educação em Questão, v.21, n.7, p. 98-115, 2004.

COMBLIN, José. Perplexidades de quem Educa: a educação cristã forma para liberdade? *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, jan/fev de 1998a, n. 198, p. 7 -12.

CONNEL, R. W. Pobreza e Educação. In: GENTILI, P. (Org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Tradução: Vania Paganini Thurler; Tomaz Tadeu da Silva. 7 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORTELLA, Mario Sergio. *Não espere o Epitáfio – provocações filosóficas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2005.

CPAD. *Lições bíblicas*. Jovens e adultos, 1º trimestre de 2000.

CPAD. *Lições bíblicas*. Jovens e adultos, 4º trimestre de 2005.

DEMO, Pedro. Pedro Demo aborda os desafios da linguagem no século XXI. In: *Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC: guia do cursista/ Maria Umbelina Caiafa Salgado, Ana Lúcia Amaral*. Brasília; Ministério da Educação, Secretária de Educação à Distância; 2008.

DELORS, Jaques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; São Paulo/SP. UNESCO, 1998.

DEMO, Pedro. *Questões para a teleducação*. Brasília: UNB, 1996.

DEWEY, John. *Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FAGUNDES, Antônio. Paulo freire e sua influência na América Latina e na África. *Revista Diálogo Educação*, Curitiba, v.12, n. 36, p. 593-611, maio/ago. 2012.

FAVERO, Osmar. *A educação nas constituições brasileiras (1823-1988)*. Campinas: Autores Associados, 1996.

FEITOSA Sonia Couto Souza. *Método Paulo Freire: Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de educação*. Universidade São Paulo: Faculdade de Educação, 1999.

FERNANDES, Rubeneide O. Lima. *Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o estabelecimento da educação formal*. Dissertação (pós-graduação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Programa e pós – graduação em educação da Faculdade de Ciências Humanas. Piracicaba, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/ALFTDYXGHISV.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

FIGUEIRA, José Ângelo. *A leitura popular da Bíblia em Imperatriz*. Imperatriz, Maranhão: Ética, 2007.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. *Discurso do professor Paulo Freire, em Angicos, ao encerramento do curso de alfabetização de adultos*. Angicos, Rio Grande do Norte: IFP, 2 abr. 1963. p. 8. Mimeografado. (Biblioteca IPF/SP).

FREIRE, Paulo. *Educadores de rua: uma abordagem crítica*. Alternativas de entendimento aos meninos de rua. Bogotá, Colombia: Gente Nueva, 1989.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. O papel educativo das igrejas na América Latina. In: FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Parma, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. Terceiro mundo e teologia. Carta a um jovem teólogo. In: TORRES, Carlos Alberto. *A práxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1977.

FREITAS, Jorge Wagner de Campos. *Adolescência, Escola Dominical e Educação: Perspectivas de um novo processo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da religião. São Bernardo do Campo, 2006. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=193](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=193)>. Acesso em: 11 fev. 2017.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 2 Ed., São Paulo: Cortez. 1998.

GEORGE, Sherron. *Igreja evangelística*. Patrocínio: CEIBEL, 3 Ed. 1993.

GILBERTO, Antônio. *Manual da Escola Dominical*. 5 Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação*, v.14 n° 50, p. 27-38, jan/mar. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405/>> Acesso em: 01 ago. 2018.

GÓMEZ, Ángel Ignacio Pérez. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GROOME, Thomas H. *Educação Religiosa Cristã – Compartilhando nosso caso e visão*. São Paulo: Paulinas. 1985.

HERNÁNDEZ, Isabel. *20 anos: Pedagogia do Oprimido – Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/33360/conheca-os-programas-federais-voltados-para-a-alfabetizacao/>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola. 1981.

LABELLE, Thomas. *Non-formal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution?* New York: Praeger. 1986.

LAFER, Celso. O Planejamento no Brasil: Observações sobre o Plano de Metas (1956-1961). In: LAFER, Betty Mindlin (Org.). *Planejamento no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

LESSA, Themudo Vicente. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

LOPES, Augustus Nicodemus. O que é uma escola cristã. *Revista Mackenzie*, ano IV, n. 24, 2003.

MACEDO, Roberto Brás Matos. Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social (1963-1965). In: LAFER, Betty Mindlin (org.). *Planejamento no Brasil*. 4 Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

MANFREDI, Sílvia Maria. *Política: educação popular*. São Paulo: Símbolo. 1978.

MARCONDES, Léa Rocha Lima. *A formação de professores em educação cristã: uma leitura a partir da experiência com a Abordagem Relacional*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós Graduação em Educação. Curitiba, 2005. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=400](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=400)>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MARCONDES, Léa Rocha Lima. Novas perspectivas para a educação no meio evangélico. *Revista Pistis Praxis. Teologia e Pastora*, Curitiba, v.2, n. 2, p. 515-526, jul./dez. 2010.

MARRA, Claudio. *A igreja discipuladora: Orientações da Bíblia e da História para o cumprimento de nossa missão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MATTOS Alderi Souza. *Os pioneiros: Presbiterianos do Brasil 1859-1900*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MATTOS Alderi Souza. Robert Reid Kalley: Pioneiro do Protestantismo Missionário na Europa e nas Américas. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 9-28, 2003.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. *Didática teórica/didática prática: para além do confronto*. São Paulo. Loyola. 1989.

NUNES, Elton de Oliveira. *Os desafios e alternativas para a práxis educacional religiosa na atualidade: uma Análise a partir da Convenção Batista Brasileira*. 2010, p. 3. <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo\\_01\\_01.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_01_01.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2017.

OLIVETTI, Odayr. *Aprimorando a Escola Dominical*. 2 Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PAULY, Evaldo Luis. *Ética, educação e cidadania: questões de fundamentação teológica e filosófica da ética a educação*. São Leopoldo, Sinodal, 2002.

PELANDRÉ, Nilcéia Lemos. *Efeitos a longo prazo do método de alfabetização de Paulo Freire*. Florianópolis. 1998.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser; RÊGO, José Márcio. Um mestre da economia brasileira: Ignácio Rangel. *Revista Economia Política*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 15, 1993.

KIMIECIKI, Domingos. *Homem/ser humano*. IN: REDIN, E.; STRECK, D.R.; ZITKOSKI, J.J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KULLOK, Maisa G. B. *Formação de professores para o próximo milênio: novo lócus?* 2 Ed. São Paulo: Annablume, 2000.

RICHARDS, Lawewnce O. *Teologia da Educação Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1975.

ROTHES, Luís Maria Fernandes Areal. *Recomposição induzida do campo da educação básica de adultos – lógicas de apropriação local num contexto político – institucional redefinido*. Dissertação Doutorado – Universidade do Porto. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Porto, 2005. Disponível em: <[https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/TESES.TESE?p\\_aluno\\_id=99392&p\\_processo=16802&p\\_lan g=1](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/TESES.TESE?p_aluno_id=99392&p_processo=16802&p_lan g=1)>. Acesso em: 02 ago. 2018.

SANT'ANNA, Flávia Maria e ENRICONE, Délcia Etti Ali. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11 ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1993.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. *Educação Escolar Brasileira: Estrutura, Administração e Legislação*. São Paulo: Pioneira, 2003.

SANTOS, Milton. *O país distorcido*. São Paulo: PubliFolha, 2002.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Valdeci da Silva. *Educação Cristã: Conceituação teórica e implicações práticas*. Revista Fides Reformata, São Paulo, v. XIII, n. 2, p. 155-174, 2008a.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. Universitária, João Pessoa: Ed.1997.

STRECK, Danilo R. *Correntes pedagógicas: Aproximações com a Teologia*. Petrópolis/Curitiba: Vozes/Celadec. 1994.

TORRES, Rosa Maria. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: TOMMASI, Lívia; WARDE, Miriam Jorge e HADDAD, Sérgio (Orgs.) *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez, 1996.

TULER, Marcos. *Manual do professor*. Rio de Janeiro: CPAD, 7 ed. 2006.

TURRA, Clódia Maria Godoy. *Planejamento de ensino e avaliação*. PUC/EMMA. Porto Alegre. 1975.

UNESCO. *Relatório de monitoramento global*. Brasília: UNESCO, CONSED. Ação Educativa. 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001592/159294por.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

VALE, Maria José. *O Social Construtivismo: Princípios Fundamentais*. São Paulo: IPF. 1998.

ZABATIERO, Júlio. *Novos caminhos para a educação cristã*. São Paulo: Hagnos, 2009.

ZANON, Denise Puglia; ALTHAUS, Maiza Taques Margraf. *Didática 1*. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2009.